



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ

CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**LUIS EDUARDO SIMÕES DOS SANTOS**

**LAMPIÃO E SEUS CANGACEIROS (AS) NA MIRA DO JORNAL A  
TARDE (1926-1940)**

Conceição do Coité – BA

28 de Setembro de 2011

**LUÍS EDUARDO SIMÕES DOS SANTOS**

**LAMPIÃO E SEUS CANGACEIROS(AS) NA MIRA DO JORNAL A  
TARDE (1926-1940)**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em  
História da Universidade Estadual da Bahia, Campus  
XIV, como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciatura em História.

Orientador: Professor Doutor Aldo José Morais Silva

Conceição do Coité – BA

28 de Setembro de 2011

**LUÍS EDUARDO SIMÕES DOS SANTOS**  
**LAMPIÃO E SEUS CANGACEIROS(AS) NA MIRA DO JORNAL A**  
**TARDE (1926-1940)**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Bahia, Campus XIV, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

**BANCA EXAMINADORA**

Data de aprovação: 28/09/2011

---

Professor Doutor Aldo José Morais Silva (Orientador) – UNEB – CAMPUS XIV

---

Suzana Severs – UNEB – CAMPUS XIV

---

Íris Verena - UNEB- CAMPUS XIV

Conceição do Coité, 28 de Setembro de 2011.

*A meus pais, minha querida avó,  
meu irmão, minha esposa, meu filho  
e minha sobrinha pelo  
incentivo e carinho*

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois graças a ele consegui realizar o sonho de apresentar o meu trabalho de conclusão de curso. Aos meus familiares que me apoiaram com palavras carinhosas e de conforto que me fortaleceram na longa caminhada da pesquisa do presente trabalho.

Não devo esquecer a colaboração que o proprietário Guilherme do museu particular, denominado “O Museu do Gonzagão” na cidade de Serrinha me deu. Sempre me recebeu de braços abertos em sua casa, foi graças a esse companheiro que tive acesso a um acervo bibliográfico considerável sobre o tema desse trabalho. Amigo Guilherme, o meu muito obrigado.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, que sempre me atenderam de forma cordial e contribuíram nas buscas das fontes. Foi graças a eles que o meu sonho de concretizar esse estudo foi possível.

Ao casal Ricardo Moura e Iacira Magalhães Moura meu eterno agradecimento. Foram eles que ofereceram a sua residência, me deram uma atenção enorme nos dias que realizei as consultas e buscas das fontes na Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Devo lembrar as contribuições e a experiência adquirida nas conversas com a Professora Cláudia Vasconcelos no período que lecionava na UNEB-CAMPUS XIV. Com sua simplicidade e competência, a Professora Cláudia foi muito importante para a realização desse trabalho.

Ao meu orientador Aldo Morais, que demonstrou ser um profissional ético e comprometido com a pesquisa. Foi de nossas conversas e discussões que tive momentos de aprendizagem e reflexão que possibilitaram o desenvolvimento e a conclusão dessa pesquisa. Não tenho palavras para expressar o quanto o Professor Aldo foi importante na minha formação acadêmica.

Agradeço a Taciana Moura Silva que foi uma companheira e amiga incondicional. Recordo de nossas diversas caminhadas para a Biblioteca do Estado, sempre demonstrando otimismo e perseverança. A sua colaboração foi muito importante. Dedicou parte de seu tempo para viajar ao meu lado até Salvador, com o intuito de ajudar a consultar os exemplares do Jornal A Tarde. Por fim, o meu agradecimento a todos que contribuíram de forma direta e indireta.

*“Tradicionalmente, controle é definido como controle sobre as ações de outros. Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de abuso de poder. Se as ações envolvidas são ações comunicativas, isto é, o discurso, então podemos, de forma mais específica, tratar do controle sobre o discurso de outros, que é uma das maneiras óbvias de como o discurso e o poder estão relacionados: pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou uma empresa interessada na supressão da liberdade escrita e da fala. O controle se aplica não só ao discurso como prática social, mas também às mentes daqueles que estão sendo controlados, isto é, aos seus conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias, como também às outras representações pessoais ou sociais” Teun A. Van Dijk*

## RESUMO

O objeto de estudo desse trabalho é o cangaço, exatamente o cangaceirismo da época de Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. O presente trabalho pretende analisar as representações feitas pelo Jornal A Tarde em suas reportagens tecidas sobre Virgolino Ferreira da Silva e seus cangaceiros (as). Procura examinar de que forma esses sujeitos ocupavam espaço nas páginas do referido Jornal no período de 1926-1940. Como é unânime afirmar que Lampião e seu bando sempre foram notícias, mesmo tendo terminado o ciclo do cangaceirismo no Brasil, há ainda muitas controvérsias, informações distorcidas e descobertas a serem feitas sobre esse tema. A escolha do jornal de maior circulação na Bahia, ou seja, o Jornal A Tarde, para servir de fonte para a pesquisa, se deu com o objetivo de explorar a amplitude do discurso que circulava em suas páginas no cotidiano das suas publicações no período proposto sobre Lampião e seus comparsas.

Palavras- chave: Jornal. Cangaço. Representações.

## **ABSTRACT**

The object of study of this work is the cangaço, exactly the cangaceirismo of time Virgolino Ferreira da Silva, called him Lampião. The present study aims to analyze the representations made by the newspaper A Tarde in his reports made about Virgolino Ferreira da Silva and his cangaceiros. Search to examine like these subjects occupied space in the pages of the same Newspapers in the period 1926-1940. How is unanimous to say that Lampião and his gang were always news, even having finished the cycle of cangaceirismo in Brazil, there are still many controversies, and distorted information and discoveries to be made on this topic. The choice of the largest newspapers circulated in Bahia, in other words, the newspaper A Tarde, to serve as a source for the research, it has been done with the aim to explore the comprehensive of the speech circulated on your pages in the daily of its publications in the proposed period about Lampião and his companions.

**Key-words:** Newspaper. Cangaço. Representations



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuições da ocorrência de notícias sobre Lampião, por mês, dia e ano .....	45
Tabela 2 - Frequência dos assuntos na capa do Jornal A TARDE .....	
Tabela 3 - Colocação da notícia de cangaceiros nas páginas no Jornal A TARDE, por edição .....	48
Tabela 4 - Posicionamento das reportagens sobre cangaceiros nas páginas do Jornal A TARDE .....	49
Tabela 5 - Reportagens com fotografias nas edições do Jornal A TARDE .....	50
Tabela 6 - Reportagens com fotografias na primeira página do Jornal A TARDE .....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. UM PASSEIO PELA LITERATURA DO CANGAÇO</b> .....	14
1.1 Caracterizando Lampião.....	17
1.2 O Banditismo Social na Historiografia.....	20
1.3 O Olhar dos Historiadores sobre o fenômeno Cangaço.....	22
1.4 O cangaço e suas representações na literatura e cultura popular.....	27
<b>2. O PODER NA HISTORIOGRAFIA</b> .....	34
2.1 O Discurso, Poder Simbólico e a construção de representações .....	37
2.2 O Jornal Impresso: Uma fonte histórica possível?.....	39
<b>3. ANÁLISE QUANTITATIVA E TIPOLOGICA DAS REPORTAGENS DO JORNAL A TARDE SOBRE OS CANGACEIROS</b> .....	44
3.1 Lampião e seus cangaceiros na mira do Jornal A Tarde.....	53
3.2 As cangaceiras nas páginas do Jornal A Tarde .....	69
3.3 Cabeças fora do corpo: um troféu pela morte dos cangaceiros.....	71
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>FONTES</b> .....	
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	
<b>ANEXOS</b> .....	

## INTRODUÇÃO

A ideia de fazer uma pesquisa sobre o tema do cangaço surgiu a partir da curiosidade em descobrir, os motivos pelos quais, homens e mulheres nordestinos escolheram a vida do cangaceirismo como forma de sobrevivência. Desde os tempos de infância me fascina as vestimentas, as armas, as histórias de Lampião, a coragem e a valentia dos cangaceiros em enfrentar as forças policiais, de encarar o calor imenso da caatinga e travar lutas no sertão Nordeste.

Gravo na memória a história da chegada de Lampião e seus cabras na Cidade de Queimadas-Bahia, local que fui criado, desde os quatro anos de idade. Virgolino e seu bando visitaram a cidade no ano de 1929, oportunidade em que assaltou comerciantes, invadiu o quartel policial, matando, severamente, sete policiais e libertando os presos que por lá estavam. Nessa mesma empreitada escapou o Sargento do destacamento da época, conhecido como Evaristo, que, segundo contam, salvou-se ao ofertar a Lampião uma Jóia em troca de sua vida. Esse acontecimento me estimulou a estudar a temática do cangaço.

O objeto de estudo desse trabalho é o cangaço, “*banditismo*” típico do sertão nordestino, exatamente o cangaceirismo da época de Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. O cangaceiro é definido pela literatura para referir-se ao bandido que vive de baixo da canga, com armas sobrepondo-lhe o corpo, referindo-se também a um modo de vida independente. Na História do Brasil, esse fenômeno se tornou um tema amplo, necessitando ser estudado a partir de diversos lugares sociais. No nosso caso a abordagem se dará a partir da visão da , mídia impressa, pois como veículo noticioso, esta tem poder de informação, além de colaborar para a criação de ideias, valores e sentidos no contexto social.

No auge do cangaço, entre 1920-1930, diversos jornais espalhados pelo Brasil noticiaram as façanhas dos cangaceiros pelas regiões Nordesteiras. Diários e Jornais do Estado de Pernambuco publicaram inúmeras reportagens sobre Virgolino e seu bando. Na Bahia, o Jornal A Tarde, o Correio do Bonfim, O Serrinhense e outros foram responsáveis por divulgar muitas notícias sobre cangaceiros.

Nesse sentido, a pesquisa pretende analisar as representações feitas pelo Jornal A Tarde em suas reportagens tecidas sobre Virgolino Ferreira da Silva e seus cangaceiros (as). Procura examinar de que forma esses sujeitos ocupavam espaço nas páginas do referido Jornal no período de 1926-1940. Trata-se, de demonstrar a imagem que era criada pelo Jornal A Tarde sobre esses sujeitos, que podem evidenciar inúmeras inquietações, principalmente sobre

um conjunto de representações criadas pela mídia impressa baiana.

Além disso, por ser unânime afirmar que Virgolino Ferreira da Silva e seu bando sempre são notícias, mesmo tendo terminado o ciclo do cangaceirismo no Brasil, há ainda muitas controvérsias e informações distorcidas. A escolha do jornal de maior circulação na Bahia, ou seja, o Jornal A Tarde, para servir de fonte para a pesquisa, não se deu com a intenção de escrever um relato cronológico sobre a instituição, mas sim com o objetivo de explorar a amplitude do discurso que circulava em suas páginas no cotidiano das suas publicações no período proposto sobre Lampião e seus cabras.

O recorte temporal do período (1926-1940) a ser abordado nessa pesquisa inicia-se dois anos antes da chegada de Virgolino Ferreira da Silva, que acompanhado de seus cabras chega ao estado da Bahia em 1928, passando por diversas cidades e povoados, causando a impaciência e raiva das forças policiais da época, ao mesmo tempo, fazendo saques e assassinando por onde passou. A intenção em analisar os exemplares dois anos antes da chegada do bandoleiro na Bahia foi de tentar observar se antes de chegar ao estado baiano, o bandoleiro ocupava espaço nas notícias produzidas pelo Jornal A Tarde. E o ano de 1940 é o período que marca o fim do cangaço.

Por fim, identificar a opinião do Jornal A Tarde face às ações de Lampião no interior da Bahia e como esse veículo de comunicação qualificava os cangaceiros é de suma importância para a nossa história nacional. Afinal, quem eram Lampião e seus cangaceiros na versão do Jornal A Tarde? Bandidos? Sanguinários? Heróis?

A partir das observações das inúmeras reportagens feitas pelo Jornal A Tarde, pode-se chegar a uma conclusão sobre a postura do Jornal sobre as ações de Lampião no interior da Bahia, a sua opinião sobre os cangaceiros e Lampião, quais afirmações e estereótipos sobre o sertanejo eram confirmadas no discurso do referido jornal e de que maneira se apropriou de seu poder de veiculação para noticiar quem são os cangaceiros.

A relevância do estudo está no fato de que a análise do discurso jornalístico da mídia impressa baiana da época, especificamente do Jornal A Tarde, sobre os(as) cangaceiros(as), pode evidenciar novas discussões e descobertas sobre o tema cangaço, bem como a sua relação com a mídia impressa baiana, abrindo-se diversas possibilidades de explorar a temática cangaceirismo, a partir de novos olhares.

Os editoriais do jornal A Tarde que serão analisados no presente trabalho foram

encontrados no acervo digital da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, que disponibiliza consulta a esse tipo de documento, assim como a materiais variados à disposição dos estudantes para pesquisa. A Biblioteca Pública do Estado da Bahia participa de uma parceria com o Jornal A Tarde, juntamente com a Fundação Pedro Calmon que indexou e digitalizou milhares de exemplares do Jornal.

Alguns exemplares do Jornal A Tarde não foram analisados, tendo em vista que algumas páginas dos textos estavam ilegíveis, outros riscados, sem nenhuma condição de leitura para o pesquisador, além disso, várias publicações não foram mais encontradas. Mesmo assim, um bom número de publicações foi impresso, servindo para a pesquisa deste trabalho. Muitas dificuldades foram aparecendo no percurso do estudo, como por exemplo, a limitação de impressões diárias, poucos computadores colocados à disposição, mas nada que impedisse a concretização dos objetivos propostos.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo procurei retratar as diversas versões que foram produzidas na historiografia sobre o cangaço, bem como abordamos o posicionamento dos memorialistas sobre o cangaceirismo. Procuramos caracterizar a figura de Virgolino Ferreira da Silva, destacando a sua história de vida. Além disso, trouxemos à tona a presença do cangaço na literatura, cultura popular, nas produções cinematográficas e musicais. Nesse sentido, buscamos apresentar as diversas visões sobre o fenômeno cangaço, bem como as várias facetas que os autores explicitam sobre tal estudo, que não se esgotou com o passar dos anos.

No Segundo Capítulo promovemos a discussão acerca da presença do poder na historiografia, evidenciando a mudança na sua abordagem no decorrer dos anos, demonstrando a visão de alguns estudiosos que abordam o poder, as práticas discursivas, o poder enquanto arma para lutar por um espaço de domínio no meio social. Prosseguindo, discutimos o fenômeno do poder simbólico e a construção de representações defendida por Bourdieu. Por fim, abordamos o papel do jornal impresso como instrumento de comunicação e a sua utilização como fonte histórica.

No Capítulo três procurei demonstrar o universo de reportagens que foram produzidas pelo Jornal A Tarde a respeito de Lampião e seus cangaceiros, evidenciando o número de edições feitas por ano, por mês, a fim de que tenhamos idéia da quantidade de noticiários publicados entre os anos de 1926-1940, observando qual localização o jornal inseria as notícias sobre os cangaceiros em suas páginas, para entender se havia algum jogo de interesse

para inserir as notícias em determinada posição.

Prosseguindo, identificamos os temas que juntamente com o cangaço apareciam nas páginas de publicação. Além disso, procuramos evidenciar as representações que foram construídas sobre os cangaceiros e cangaceiras nas páginas do jornal A Tarde no final da década de 30 e início dos anos 40, compreendendo o posicionamento do jornal baiano sobre as façanhas dos bandoleiros no sertão nordestino, investigando a opinião desse veículo de comunicação. Por fim, examinamos a importância que o jornal atribuiu à morte dos cangaceiros e ao fim do cangaço.

Esperamos que o resultado da pesquisa desse trabalho possa contribuir para renovar o interesses de estudantes de história e historiadores pelo estudo do fenômeno cangaço, com uma nova visão, sem fazer nenhum juízo de valor, mas com a intenção única e exclusiva de se produzir um estudo atraente, com novos fundamentos teóricos e metodológicos de pesquisa, para que o conceito de poder, mídia impressa e práticas discursivas sejam discutidos e analisados, com o objetivo de proporcionar a reflexão sobre o papel que a imprensa tem em legitimar e investir autoridade sobre determinados sujeitos sociais, e principalmente na construção de representações.

## 1. UM PASSEIO PELA LITERATURA DO CANGAÇO

No ensino de história, o cangaço era um tema abordado como se fosse um “acontecimento marginal” da História do Brasil e que não seria interessante estudá-lo, pois não teria tanta importância, se comparado aos temas clássicos da História da República Velha. A Guerra de Canudos e Antônio Conselheiro, Contestado, Cangaço e muitos outros acontecimentos históricos, eram exemplos clássicos de tal problemática. Como observou Hobsbawn (1962, p.13), os movimentos comparados às *rebeldias primitivas* “têm sido relegadas à posição de notas de pé de página”. Atualmente, esse contexto vem se modificando, pois muitas pesquisas analisam o cangaço sobre diversos olhares e visões.

Mitos, histórias e fantasias rodeiam as figuras do cangaço, mesmo decorrido décadas do seu fim. Muito já se noticiou a respeito deles. Revistas, jornais da época, e atualmente, filmes, livros, documentário, literatura de cordel já contam a sua versão sobre o cangaço. Malvados, bandidos, heróis e justiceiros, esses e muitos outros adjetivos foram e são usados para qualificá-los. Estampados em capas de muitos jornais, os cangaceiros foram notícia e despertaram a curiosidade da sociedade da época no auge do cangaço no Nordeste do Brasil.

O cangaço se desenvolveu na região semi-árida do Nordeste Brasileiro, local de extensa caatinga, termo que significa “*mata branca*”, que cobre uma área com mais de quinhentos mil quilômetros quadrados. Com suas especificidades de clima, relevo e vegetação, foi palco de inúmeras façanhas dos cangaceiros, que andavam por esses sertões, praticando saques e assaltos. Foi também o cenário de várias lutas entre as forças policiais e cangaceiros.

O escritor Cearense Gustavo Barroso (1917) enfatizou que a região Nordeste tratava-se de um *habitat* natural do banditismo, pois a proximidade das fronteiras dos estados que compõe essa região, possibilitam um acesso fácil aos territórios desses locais. “O meio, a cumplicidade do habitante e a facilidade de fugir dum Estado para o outro oferecem guarida segura a todos os criminosos.” (BARROSO, 1917, p. 11)

Foram muitos os homens e mulheres que percorreram esse território inóspito, sob a peja de cangaceiro (a). Mas, nenhum deles foi mais conhecido ou temido que Virgolino Ferreira da Silva. O ciclo do cangaço teve fim nos anos de 1940 com a morte de Cristino Gomes da Silva, o cangaceiro Corisco, lembrado no imaginário de todos como “o vingador de Lampião” e “Imperador do Sertão”.

Apesar de ser considerado o expoente do cangaço no Brasil, não foi Lampião quem o criou, e, tampouco, não foi o único líder de bando. Esse fenômeno ocorria antes do seu

nascimento. Estudos mostram a existência de outros líderes de bando, a exemplo de José Gomes, vulgo Cabeleira, que nasceu em 1751, em Glória do Goitá, no estado de Pernambuco. Cabeleira foi iniciado nas atividades do cangaço por seu próprio pai, que desde cedo o incentivou a praticar crimes. Foi julgado em Recife e condenado à morte de enforcamento. A sua sentença foi executada em 1776, no Largo das Cinco Pontas.

Na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia, agia Lucas Evangelista, mais conhecido como Lucas da Feira, fazendo referência a cidade de nascimento. Nasceu em 18 de Outubro de 1807, filho de pais negros. Aos quinze anos de idade Lucas da Feira já tinha formado o seu bando para agir contra os seus inimigos. Entre os lugares que agia destaca-se as estradas que circulavam a cidade de Feira de Santana.

Jesuíno Alves de Melo Calado, mais conhecido como Jesuíno Brilhante (1844-1879), que trabalhava como lavrador e vaqueiro, sustentando a sua família e que tornou-se o temível cangaceiro, vivendo fugido da polícia, após ter matado um homem chamado Honorato Limão que agrediu o seu irmão.

Citamos também Adolfo Meia Noite, que nasceu em Afogados da Ingazeira, sertão do Pajeú de Flores, em Pernambuco. Sabe-se do seu ingresso no cangaço, após ter assassinado o seu padrinho, que era um coronel muito bem posicionado na região e que não aceitava o namoro de Adolfo Meia Noite com sua filha. Sem aceitar tal atitude, Adolfo pratica o crime contra seu padrinho e passa a ser perseguido pela polícia.

Manoel Batista de Moraes, mais conhecido como Antônio Silvino (1875-1944), nascido na Serra da Colônia, em Pernambuco, passou a integrar os grupos de cangaceiros, a partir da morte de seu pai que foi vítima de assassinato. Fez parte do grupo de cangaceiros comandado por seu primo Silvino Aires, em 1896, e formou o seu próprio bando posteriormente.

Não devemos esquecer também de Sebastião Pereira da Silva, conhecido como Sinhô Pereira, nascido em 20 de Janeiro de 1896, em Pernambuco. Ingressou no cangaço quando tinha aproximadamente 20 anos de idade, a fim de se vingar de uma rixa de famílias. No ano de 1919 ocorreu o primeiro contato de Virgolino e Sinhô Pereira. Virgolino foi à procura de cabras para lutar contra a família dos Alves de Barros de quem tinha desavenças de longas datas.

No período do cangaço em que Lampião fazia parte, muitos outros cangaceiros, foram conhecidos por suas façanhas e ações no interior do Nordeste. Alguns desses cangaceiros eram de inteira confiança de Virgolino, em muitas ocasiões, desfrutando dessa confiança, esses homens lideravam subgrupos de cangaceiros, que ficavam encarregados de buscar



munições em determinadas fazendas e esconderijos, alimento nas mãos de coiteiros e realizar saques em cidades, sem a presença do grupo completo.

Para Araújo (1985), a formação de subgrupos foi uma novidade, mostrando-se como uma estratégia para confundir os policiais no interior da caatinga. Entretanto, segundo esse autor, tal prática possibilitou o descontrole do líder maior (Lampião) dos atos ilícitos praticados por seus cabras em diversas partes do sertão nordestino. “Os estupros, as violações, os gerá que eram debitados na conta de Lampião.” (ARAÚJO, 1985, p. 70)

Muitos nomes de cangaceiros acabaram sendo esquecidos, contudo, alguns desses lideraram subgrupos e disputaram no interior das caatingas várias lutas com policiais e praticaram também diversos atos no interior do Nordeste do Brasil. Mansidão, por exemplo, foi chefe de sub-grupo de cangaceiro, acompanhado dele temos outros ‘nomes’ que pouco ouvimos falar: Moita Brava, Carrasco, Vicente de Mariana (conhecido por sua valentia, coragem e bom atirador), Criança, Ângelo Roque, Pó Corante, Chico Pereira, Mariano, Luiz Pedro, Virgínio, Mergulhão, Lavanderia, Zé Sereno, Labareda, Balão, Sabiá, Zé Baiano, conhecido como o ferrador de mulher - pois marcava o rosto de moças com as iniciais do seu nome J.B-, Gato, Arvoredo, Ponto Fino, Volta Seca, Azulão, Meia-Noite, Mourão, Cirilo, Manoel Moreno, Zabelê, Sabonete, Juriti, Moderno, Passarinho, Pancada, Canário, Cobra-Verde, Baliza, Barra Nova e outros mais.

No universo do cangaço, as mulheres tiveram um papel preponderante no desenrolar de sua história. Todavia, essa importância continua sendo desconhecida por muitos, inclusive pelos historiadores que dão pouca atenção ao estudo da mulher cangaceira, o que proporciona uma história sem visibilidade, silenciada e negligenciada nos manuais didáticos de história. Dificilmente se sabe sobre a vida dessas mulheres que optaram ingressar no cangaço, acompanhar os seus companheiros e viver a agitação das fugas das balas no meio da caatinga.

Dadá, Lídia, Ignacinha, Maria, Verônica, Florência, Enedina, Eleonora, Otília, Rosinha, Maria esposa de Jesuíno Brilhante, Minervina, Áurea, Zulmira, Maria de Azulão, Lili, Sebastiana, Sila, Dulce, Moça, Durvinha, Ana, Quitéria, Adília, Lica, Maria da Conceição, Sabina da Conceição, Maria Fernandes, Maria Cardoso, Nenê, Laura, Adelaíde, Maria Jovina, a mais conhecida e divulgada Maria Bonita, que ganhou destaque por ter sido a companheira de Lampião e muitas outras. O ingresso da mulher no cangaço se deu no ano 1930 com a entrada de Maria Bonita, sendo que a partir desse momento os outros cangaceiros resolveram levar suas companheiras para o mundo que viviam.

A história dessas mulheres gira toda uma amplitude de representações e afirmações inteiramente estereotipadas e distorcidas. É interessante salientar que é graças a inserção das

mulheres no cangaço que esse fenômeno ganhou uma estética mais apurada, com chapéus enfeitados de couro, bornais, desenhos de flores, todo um estilo que cristalizou uma imagem do (a) cangaceiro(a).

### 1.1 Caracterizando Lampião

É incontestável que Virgolino Ferreira da Silva continua sendo motivo de notícia. Lampião, como era conhecido, apresenta-se como uma figura dúbia. Ao mesmo tempo em que muitos o defendem, consagram a sua bravura e louvam a sua bondade, outros o condenam e acusam os seus crimes no sertão Nordeste. O fato é que a sua vida e imagem como cangaceiro continuam em destaque. Outro dado importante é que a história de vida de Lampião tem despertado a curiosidade de diversos estudiosos dentre os quais: jornalistas, historiadores, escritores, cineastas, poetas e etc.

Virgolino Ferreira da Silva (Lampião) foi o representante mais emblemático do cangaço. Considerado um mito no campo da memória coletiva, acabou tornando-se uma referência, e, digamos assim, eclipsando os demais cangaceiros, os líderes de sub-grupo de seu tempo e anteriores à sua época. Segundo Amaury e Ferreira (1999, p. 10), “existiram dois Lampiões. Um que existiu, vivenciou todos os problemas da vida de cangaceiro, à margem da lei e outro que foi criado, a partir de suas façanhas, consagrando-se no imaginário coletivo”.

O líder cangaceiro famoso nasceu no município de Vila Bela, atualmente Serra Talhada, no sítio Passagem das Pedras, pedaço de terra às margens do Riacho São Domingos, no Estado de Pernambuco. Era filho de José Ferreira dos Santos e de Maria Lopes, sendo o terceiro filho do casal. Tornou-se líder de bando em 1920, liderando absoluto até 1938, quando, junto com Maria Bonita, morreu no Angico, sertão de Sergipe.

Antônio Amaury e Vera Ferreira, dois pesquisadores do tema cangaço, afirmam que a data de nascimento de Virgolino Ferreira é duvidosa, pois as informações contidas na certidão de registro civil consta que o cangaceiro teria nascido no dia 07/07/1897. Entretanto, no seu batistério consta a informação de que este nascera na data de 04/06/1898.

Além disso, de acordo com esses autores, Lampião frequentou as aulas e foi alfabetizado por Domingos Soriano e Justino de Nenéu. O sustento da sua família vinha do criatório de animais e do trabalho na roça. Confirmam ainda que Virgolino trabalhou como

almocreve, transportando mercadorias de terceiros no lombo de uma tropa de burros que pertenciam à sua família.

Enfatizam que a família de Virgolino era conhecida como família Ferreira e era vizinha da fazenda pertencente à família Alves de Barros. As duas famílias conviviam bem durante muitos anos. No entanto, por volta de 1916, começaram as brigas entre as mesmas. Conforme apontam, Virgolino, ao perceber a falta de alguns caprinos da roça de sua família, deu início a uma busca pelos animais. Como resultado teria, constatado que o ladrão de seus animais seria um vaqueiro da fazenda da família dos Alves de Barros. A partir desse momento começaram os ataques, as desavenças e as revanches. Diante de muitas intrigas, o Coronel Aurélio Cornélio Soares Lima teria determinado a transferência da família Ferreira para um local chamado Poço do Negro, próximo a Nazaré. A vida na nova localidade, porém, não deu certo, e em 1918, a família Ferreira mudou-se para o estado de Alagoas, instalando-se no sítio Olhos D'água. Mesmo com a nova mudança, contudo, as intrigas e desavenças com a família Alves de Barros não acabaram.

Destacam os pesquisadores que por volta de 1919, Virgolino, acompanhado de seu irmão Livino, se deslocou até a cidade de São Francisco para encontrar Sinhô Pereira, que na época era líder de grupo de cangaceiros, com a intenção de conseguir cangaceiros para atacar a propriedade da família Alves de Barros, a fim de vingar as raivas passadas e também para causar um enorme prejuízo.

Antônio Amaury e Vera Ferreira observam que um acontecimento fatal que fez crescer a raiva de Virgolino foi o assassinato de seu pai, que morreu aos 48 anos de idade, face à ação do delegado Amarílio, o Sargento José Lucena Albuquerque Maranhão e o Sargento Manuel Pereira. Explica os autores que a razão do assassinato do pai de Lampião foi que o delegado e os dois Sargentos estavam à procura de um criminoso de nome Luiz Fragoso, filho do velho Fragoso que abrigara o pai de Virgolino e sua família. No dia que o delegado e os militares invadiram a casa do velho Fragoso, para matar o Luiz Fragoso, encontrou na residência João Ferreira, pai de Virgolino, que acabou sendo assassinado junto com o procurado.

Explicam esses autores que a partir desse momento Virgolino Ferreira decidiu tornar-se cangaceiro para matar até morrer. Aos vinte e dois anos de idade juntou-se ao grupo de Sinhô Pereira. No ano de 1922, Sinhô Pereira, com 26 anos de idade, resolveu sair da vida de cangaceiro, restando a Lampião a liderança do grupo. Por outro lado, a pesquisadora Luitigarde Cavalcanti é inteiramente contrária a essa idéia de que Lampião entrou no cangaço,

para vingar a morte de seu pai. Para essa autora, o bandoleiro entrou no mundo do cangaceirismo no ano de 1916, cinco anos antes da morte do pai. Dessa forma, percebemos a divergência nos posicionamentos dos autores que procuram explicar os motivos que incentivaram Lampião a ser cangaceiro.

Já em 1926, mais precisamente no dia 24 de março, acompanhado de dezenas de cangaceiros, Lampião entrou na cidade do Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, atendendo a um convite do Padre Cícero Romão Batista. O convite era no sentido de convencer Lampião a combater os militares “revoltosos”, sob o comando de Luís Carlos Prestes, que tinha sido um dos líderes do movimento Tenentista, opositor ao regime da República Velha e às oligarquias.

No encontro de Padre Cícero com Lampião e seu bando foi acertado que os cangaceiros ingressariam no Batalhão Patriótico, sendo que Lampião seria nomeado com a patente de Capitão, cabendo a Antônio Ferreira e Sabino, dois cangaceiros de confiança, a patente de primeiro e segundo Tenentes, respectivamente. É interessante ressaltar que tais nomeações não tinham validade jurídica, porém, a partir dessa data, muitos nordestinos passaram a chamar o cangaceiro Lampião como Capitão Virgolino, ressaltando que o próprio Lampião fazia questão de enviar bilhetes e assinar como Capitão. Nessa passagem em Juazeiro do Norte, Lampião concedeu entrevista ao médico Otacílio Macedo, que na época era correspondente do Jornal “o Ceará” e se deixou ser fotografado por Lauro Cabral de Oliveira. A partir dessas fotografias, propagou-se inúmeras imagens e impressões a respeito do líder de cangaceiro e do cangaço.

Ademais, não foi só na Cidade do Juazeiro do Norte que os cangaceiros deixaram ser fotografados. Em diversas paragens da Região Nordeste existe fotografias de Lampião e de seus cabras, pousando nas diversas formas possíveis. No ano de 1936 o Libanês Benjamin Botto Abrahão realizou uma grande façanha, registrando para a posteridade Virgolino Ferreira da Silva e seu grupo, fato que contribuiu para fixar no imaginário das pessoas o modo de vida dos cangaceiros, de se vestir, ou seja, toda a estética do cangaço com seus chapéus inconfundíveis, anéis, armas e chinelos, construindo uma identidade própria dos (as) cangaceiro (as).

## 1.2 O Banditismo Social na Historiografia

O Banditismo Social tem sido abordado por muitos pesquisadores que se interessam pela temática, ingressando inclusive no estudo da História Social. Com Eric Hobsbawn, a partir da década de 60, esse estudo ganhou mais visibilidade e com a publicação das obras *Primitive Rebels*, de 1959, e *Bandits*, (1969), esse historiador colocou o banditismo no elenco das discussões na Historiografia. Hobsbawn nos mostra uma das interpretações sobre o chamado “*Banditismo Social*”, do qual acredita que o cangaço faça parte.

Na obra “*Bandidos*”, Hobsbawn discute o cangaço, citando Virgolino Ferreira da Silva como o exemplo para contrapor outros criminosos de épocas e países distintos, demonstrando determinados tipos de bandidos do meio rural, colocando-os dentro de uma lógica teórica. Sobre os bandidos sociais o historiador britânico diz que apesar de serem considerados criminosos pelo estado, os bandidos sociais são vistos por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da justiça e talvez até mesmo como líderes da libertação e sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. Observa ainda que quanto maior a presença das injustiças, das desigualdades na distribuição de terras e do poder, a probabilidade de existência do banditismo aumenta, em função do grau de insatisfação dos camponeses.

Todas as sociedades rurais do passado estavam habituadas à escassez periódica - más colheitas e outras crises naturais - e há catástrofes ocasionais, imprevisíveis em si, mas que certamente viriam a ocorrer mais cedo ou mais tarde, como guerras, conquistas ou o rompimento do sistema administrativo do qual eram uma parte pequena e remota. Todas essas catástrofes tendiam a multiplicar o banditismo de um tipo ou de outro. (HOBSBAWN, 1969, p. 16)

Para o autor, os séculos XIX e XX foram dois grandes momentos para o banditismo social em muitas partes do mundo, tal como foram os séculos XVI, XVII e XVIII, provavelmente, em muitas partes da Europa. De acordo com Hobsbawn, quem quer que pertença a um grupo de homens que ataca e rouba com violência é um bandido, desde aqueles que se apoderam de dinheiro destinado a pagamento de empregados, numa esquina da cidade, até rebeldes ou guerrilheiros organizados que não sejam oficialmente reconhecidos como tal.

Sendo assim, o bandido que assalta para satisfazer as suas necessidades, que rouba para ajudar os pobres e que usa ato brutal para o assalto é caracterizado como bandido na visão de Hobsbawn, mesmo os rebeldes ou guerrilheiros, que não vistos como bandidos, enquadram-se nesse fenômeno.

A análise de Hobsbawn baseia-se na existência de três tipos de bandidos: o bandido nobre que seria aquele sujeito que inicia a sua carreira de marginalidade não pelo crime, mas que escolhe o banditismo como sendo vítima da injustiça, das perseguições dos poderosos, visto pelos pobres como o “justiceiro”, aquele que “corrige os erros” com suas próprias ações. É o sujeito que rouba dos ricos para dar aos pobres. “O objetivo de seu protesto não é o fato de os camponeses serem pobres oprimidos. O que ele procura estabelecer ou restabelecer é a justiça ou os velhos costumes, ou seja, atitudes corretas numa sociedade de opressão.” (HOBSBAWN, 1969, p. 52).

Os bandidos vingadores seriam aqueles que matam e agem com violência, com a justificativa da vingança. Situa Lampião nesse grupo de bandidos, que ingressou no cangaço como forma de rixa contra a família dos Nogueiras, não restando-lhe outra alternativa senão a de compor um grupo marginal. A sua vida pode ser caracterizada como oposta de Robin Hood, visto que Virgolino não assaltava dinheiro para dar aos pobres, as suas ações eram o significado do terror.

E por último os Haiduks que representava uma forma coletiva camponesa que não tinham um compromisso automático em fazer a rebeldia contra as autoridades. Seria aquele “libertador-ladrão”, que agia na Rússia e na Hungria e aceitava terras do Imperador ou do Czar em troca da obrigação de manter armas e cavalos, e de combater os turcos, sob o comando de chefes que ele próprio escolhia.

Do ponto de vista social, na visão desse autor, o banditismo ocorreu em todos os tipos de sociedade humana que se situam entre a fase evolucionária da organização tribal e a moderna sociedade capitalista e industrial, não sendo simples definir o momento exato que atos de roubos se tornam banditismo. Contudo, é dentro da sociedade agrária que o banditismo nasce, visto que por ser um fenômeno universal, o banditismo mobiliza camponeses e trabalhadores, sem terra, governados e explorados – por senhores, burgos, governadores, advogados ou até mesmo bancos.

Com os sistemas modernos agrários, tanto capitalista, quanto pós-capitalista, os bandidos sociais deixam de existir, isso porque, a modernização, o desenvolvimento econômico e o aperfeiçoamento das comunicações dificulta a ação dos bandidos. Essa passagem da sociedade agrária pré-capitalista para a sociedade capitalista industrial marca o esfacelamento do banditismo que é alimentado pelo meio agrário.

Anton Blok, especialista em estudo sobre o banditismo, publicou uma crítica à idéia defendida por Hobsbawn. Esse autor afirma que Hobsbawn não só generaliza a sua teoria, como também não levou em consideração as particularidades dos inúmeros casos de

banditismos sociais, reduzindo esse universo. Explicita ainda que não só Hobsbawn, mas também muitos estudiosos do tema não consideram a sociedade da qual fazem parte os bandidos. Observa que a importância das autoridades, grandes proprietários e outros precisam ser evidenciados. Sem proteção, os bandidos não conseguiriam manter-se por um tempo muito longo. Conforme afirma, o bandido precisa de proteção, todavia, sendo protegido por camponeses o seu reinado não teria êxito, por outro lado, o sucesso do banditismo dependerá da maior proteção política.

Na visão de Anton Blok o bandido não consegue mobilizar uma massa de camponeses, visto que não é sua prioridade ter lealdade para com o camponês. Assevera ainda que o Banditismo Social foi muitas vezes anti-social, dado que os camponeses foram muitas vezes vítimas dos bandidos preocupados primeiro em atender a seus vínculos com os detentores do poder local.

### 1.3 O Olhar dos Historiadores sobre o fenômeno Cangaço

O termo cangaceiro é exclusivamente designado para descrever o malfeitor, bandido e bandoleiro que agia no sertão nordestino. Além disso, há outras formas de designar esses sujeitos como sendo indivíduos que participavam de bandos insubmissos, que pegavam em armas para viver assaltando os lugarejos do sertão do Nordeste. Apesar de dar enfoque apenas aos cangaceiros “fora da lei”, vale destacar também que existiu outros tipos de cangaceiros que viviam na mesma região, conhecidos como os cangaceiros mansos, cabras que moravam nas fazendas de grandes proprietários de terra, ficavam a serviço de proteção do seu patrão, realizando emboscadas contra inimigos e serviços sujos em troca de moradia. Eles são denominados como comparsas ou capangas dos Coronéis.

O Historiador Frederico Pernambucano de Mello, autor de *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil* (1985), definiu três tipos de cangaço: o cangaço de rapina ou cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio. Para Mello, a maioria dos bandidos entrava no cangaço, pois precisava se vingar: no caso dos quatro mais famosos, Jesuíno Brilhante, Sebastião Pereira, Antônio Silvino e Lampião, pois um parente próximo é assassinado e o assassino não foi punido. No caso de Silvino e Lampião, o pai foi morto. A categoria – Cangaço-refúgio – inclui-se aqueles cangaceiros que já se vingaram, mas precisam da proteção do grupo contra as autoridades. Cita o caso de Ângelo Roque da Costa que assassinou o estuproador da sua irmã, mas teve depois de fugir das represálias da família do morto que era poderosa.

Um estudioso com sua ideologia politicamente à esquerda que se propôs analisar os “cangaceiros” foi Rui Facó, no clássico *cangaceiros e fanáticos* (1991). Ele examina a expressão “banditismo” e “fanático” e afirma que são qualificações pejorativas, que têm o sentido de resumir e desqualificar os sujeitos representados com esses termos, o que os exclui dos fatos históricos da nação brasileira. Esse autor discute os aspectos políticos, econômicos e sociais que influenciaram na vida de alguns nordestinos que se tornaram cangaceiros, principalmente o contexto da injustiça social do sertão, que de certo modo, justificaria o surgimento do cangaceirismo nessa região.

Sua análise buscou entender os motivos pelos quais homens e mulheres escolheram o cangaço como modo de vida. A idéia que Facó apresenta é a de que os cangaceiros eram mais o fruto do atraso econômico do país, do que expoentes de um atraso atávico. Segundo, o autor, esses sertanejos viviam situação de extrema exclusão social, que marcou o período inicial do regime republicano. Sendo assim, os cangaceiros agiam como forma de “protesto” contra a uma ordem ultrapassada, como é o caso da questão das práticas políticas, por exemplo, que não atendiam aos anseios e interesse de todos.

Para explicar o surgimento do cangaço, o autor discute a problemática da distribuição da terra como um dos pontos chaves, afirmando que:

As condições internas que o geraram, vamos encontrá-las, precisamente e antes de tudo, no monopólio da terra, cujas origens remontam aos tempos coloniais, com a divisão do país em capitânicas hereditárias e a subsequente concessão das sesmarias, ao qual deram origens aos latifúndios atuais. (FACÓ, 1991, p. 16)

No Nordeste, a monopolização da terra é forte, uma vez que uma minoria tem a posse dela, acarretando problemas sociais, pois um número expressivo de sertanejos é desfavorecido, visto que não possuem terras para trabalhar, produzir e, muitas vezes, nem para morar. Por isso que “era mais do que natural, era legítimo, que esses homens, sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma saída nos grupos de cangaceiros [...]”. (FACÓ, 1991, p. 21)

Por essa ideia, pegar em armas e tornar-se cangaceiro servia como modo de sobrevivência contra uma realidade estabelecida, que oprimia as massas de nordestinos, que não estudavam, não tinham direito à saúde, e não tinham acesso aos poderes decisivos. Pelo que mostrou o autor, as razões da existência do cangaço não devem ser explicadas, exclusivamente com a monopolização da terra, pois, além disso, a exclusão dos habitantes do meio rural e todas as práticas de injustiças sociais espalhadas no sertão nordestino podem



justificar o porquê do surgimento do cangaço.

Nesse sentido, “o cangaceiro e o fanático eram os pobres dos campos que saíam de uma apatia generalizada para as lutas, que começaram a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, seu próprio destino.” (FACÓ, 1991, p. 45). Em outras palavras, a análise que podemos fazer é a de que o cangaceiro inconformado com o distanciamento do poder estatal, com leis parciais e suas mazelas, só tinha a sua frente, optar por viver nas andanças dentro da caatinga, praticando assaltos/saques e assassinatos. Esta seria uma forma de “protesto” contra os desmandos no nordeste, mas visto pelo poder dominante como uma ameaça à ordem vigente.

O professor de história Valter Roitman no livro *Cangaceiros: Crime e Aventura no Sertão* (1997), discute o cangaceirismo no Brasil como sendo um fenômeno social que revela uma luta pela terra numa região sem lei, aproximando-se do argumento de Facó. Afirmou que os cangaceiros tentavam apenas sobreviver frente a uma realidade desigual no sertão nordestino, contra o poder dos coronéis, à miséria e à dificuldade de subsistência. Como no sertão Nordestino possuir terra significava ter poder e influência, segundo Roitman, a luta por ela, pastos e água marcou fortemente a vida dos nordestinos, que viviam períodos de seca, aumento da pobreza, que por esses motivos necessitavam de pastos e fonte de água para sobreviver.

Todavia, as melhores terras estavam nas mãos de poucas famílias, cujos chefes dominavam a política local, tiravam proveito da fragilidade das instituições judiciárias e cumpriam o papel da lei e da justiça local, cabendo aos pobres obediência. Dessa forma, para esse autor, as disputas por terra, os coronéis e seu autoritarismo e vingança familiar, seriam as justificativas para indivíduos ingressarem no cangaço.

Para Wiesebron, os estudos interdisciplinares têm ajudado a desvendar e desmistificar alguns mitos relativos à ideia dos bandidos, de sua generosidade e solidariedade com os camponeses, vistos como seus supostos protetores. Para essa autora, generalizar o fenômeno cangaço tem ficado cada vez mais difícil, tendo em vista as inúmeras interpretações defendidas.

Outro elemento que também é um mito: camponeses protegem bandidos, pelo contrário são pessoas poderosas, latifundiários, chefes políticos, autoridades, pessoas com o poder e só quando este apoio termina, findam as possibilidades de sobrevivência dos bandidos como se viu no Brasil, em Portugal, etc.; tampouco parece uma verdade os bandidos serem generosos e solidários com os camponeses; estão bem mais interessados em laços com a elite local. (WIESEBRON, 1994, p. 444)

Outro Historiador que analisa o cangaço é Luiz Bernardo Pericás na obra *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica* (2010). O autor discute o cangaço entre os anos de 1890-1940, quando os mais importantes líderes do cangaço independente, Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Ângelo Roque, Jararaca, Lampião e Corisco atuaram, época que o cangaço pode ser identificado como cada vez mais autônomo, entre o período da instauração da primeira República, passando pelo auge do cangaço na primeira década do século XX até o Estado Novo.

Na visão de Pericás, a miséria e o estado de sujeição não foram as únicas motivações para que sertanejos entrassem no cangaço, colocando em xeque as idéias de inúmeros estudiosos que atribuíram à falta de posses e à pobreza dos nordestinos como as razões para o surgimento do cangaço. Esse autor revela o estado de crueldade dos cangaceiros, analisando as biografias de Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira que eram figuras de posse e não de pobres miseráveis nordestinos como acreditam alguns autores, mas que roubavam e saqueavam a fim de atender os seus próprios interesses.

Quase nenhum líder de maior relevo do cangaço provinha das classes baixas rurais. Todos esses líderes cangaceiros, portanto, vinham de famílias tradicionais e de relativas posses, respeitadas em suas regiões. Até mesmo a família de Lampião, ainda que certamente mais modesta também apresentava um nível social mais alto que o da maioria dos sertanejos. (PERICÁS, 2010, p. 33)

Diferentemente das idéias dos outros autores, Pericás mostra os cangaceiros como sujeitos que tiravam o proveito dos roubos e saques, que conseqüentemente passou a ser um meio de ganhar a vida. O bandoleiro agia com o intuito de ganhar e obter vantagens em suas investidas. É interessante notar que por esse viés, todas as interpretações sobre o cangaço que procuraram justificar, de maneira geral, como sendo o aspecto econômico, o monopólio da terra, a miséria, a pobreza dos sertanejos e o poder dos coronéis os responsáveis pelo seu surgimento, com Luiz Bernardo essas explicações foram reavaliadas.

Ressaltando, por oportuno, que a teoria do banditismo social defendida por Hobsbawn, relacionada ao cangaço é inteiramente questionada por Pericás, afirmando inclusive que o Historiador Britânico universalizou as suas explicações, colocando dentro de um único sistema teórico os vários traços dos diversos bandidos rurais, uma vez que os bandidos não lutavam para reconstituir ou modificar a ordem social estabelecida.

Popularmente, o binômio “cangaço independente” (em especial no período lampiônico) está associado aos bandoleiros “autônomos”, sem vínculos diretos com “coronéis”, que carregavam uma boa quantidade de equipamento, armamento e

munição, e que atuavam no Sertão e nos limites do agreste nordestinos, cruzando as fronteiras de vários estados, agindo em geral, no início, com o argumento de vingança, de preferência interfamiliar (ou ingressando nos bandos como “refúgios”, para proteger-se da perseguição da polícia ou de outros inimigos), para em seguida utilizar essa modalidade de banditismo rural como forma de sobrevivência, ou seja, para obter ganhos materiais por meio de roubos, saques e extorsão [...] (PERICÁS, 2010, p. 17)

Contudo, afirma que ainda que o espaço de ação do cangaçeirismo tenha se resumido ao Sertão Nordestino, os casos de banditismo não são exclusividade dessa região, visto que a violência rural se fez presente em diversos locais do planeta. Entretanto, o cangaço apresenta algumas particularidades e distinções em relação a outras formas de banditismo.

Há de fato, elementos conjunturais e estruturais que dão ao fenômeno características culturais muito particulares, como a indumentária, a linguagem, as táticas de guerrilha, as relações com as mulheres, com os sertanejos, com os fazendeiros e com a polícia, que, mesmo com possíveis semelhanças com casos análogos em outros países, só podem ser entendidos plenamente dentro do próprio processo evolutivo histórico do Sertão e Agreste Nordestinos. (PERICÁS, 2010, p. 18)

Assim, entende-se que o fenômeno cangaço se apresenta como um acontecimento particular e peculiar em comparação com outros tipos de banditismos. A complexa relação dos cangaceiros com a sociedade, o uso da imagem, a indumentária dos cabras proporcionaram uma construção no imaginário dos sertanejos, que por conseguinte, a junção de todas essas especificidades e o próprio processo de evolução da região Nordeste, proporcionam a compreensão sobre o cangaço.

Acrescenta que em muitos casos, mas não em todos, o ingresso no cangaço se dava por disputas e vinganças familiares e não para corrigir ou combater (mesmo que de forma inconsciente) as desigualdades sociais na região. Dessa forma, o seu olhar é totalmente inverso à tese do “protesto social” defendida por Rui Facó.

Por fim, Luiz Bernardo Pericás não acredita que os cangaceiros, a partir do tempo de Lampião, tivessem uma identidade de classe. Os bandidos, para ele, defendiam seus interesses pessoais por meio da violência, o que ajudava a manter relações com pessoas poderosas, e também poderia resultar em agressões contra sertanejos pobres. Observa ainda que Lampião não roubava para distribuir aos pobres, como muitos acreditam, “quando distribuía dinheiro ou os produtos de suas pilhagens, Lampião fazia questão que seu gesto fosse público, visto por todos. Queria construir a imagem de um indivíduo caridoso, de um homem bom. Em geral, não roubava dos ricos para dar aos pobres”. (PERICÁS, 2010, p. 39)

#### 1.4 O cangaço e suas representações na literatura e cultura popular

O século passado estava dando sinais de cansaço, José e Maria presos por matrimonial laço em breve seriam pais do grande rei do cangaço. No dia quatro de junho de noventa e oito, a pino estava o Sol, e Maria dava à luz um menino que receberia o nome singular de Virgolino. (Versos de Gonçalo Ferreira da Silva, do Cordel “Lampião – O Capitão do Cangaço”)

A temática do cangaço não foi objeto apenas de estudos historiográficos. De fato, muito antes de despertar o interesse dos acadêmicos o cangaço já fazia parte da cultura e da história do povo Nordestino. Esse fenômeno histórico ainda é lembrado atualmente, através das produções de cantadores, cronistas, cordelistas, poetas do sertão e muitos outros. O banditismo nordestino continua vivo nas mentes dos sertanejos, expressando a imagem do cangaceiro, que ora aparece como positiva, ora como negativa. O grande narrador da vida local nordestina é o poeta de cordel que anda pelo sertão, de feira em feira, de mercado em mercado, vendendo e publicando os seus folhetos.

Em diversos cordéis encontramos a exaltação das façanhas do “rei do cangaço”. Como citado nos versos de Gonçalo Ferreira da Silva, do Cordel “Lampião – O Capitão do Cangaço” muitas representações foram e são construídas, colocando Virgolino como o rei de todos os cangaceiros. O Cordel que, através de sua narrativa, conta os acontecimentos de um dado período e de um lugar, se transforma em memória, documento, fonte para o historiador e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e “historiador popular”, dão origem a uma crônica de sua época.

Trata-se, então, de crônica popular porque expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo. É história popular porque relata os eventos que fizeram a história a partir de uma perspectiva popular. Seus poetas são do povo e o representam nos seus versos. Nesse sentido, o cordel pode ser considerado o documento popular mais completo do Nordeste brasileiro (CURRAN, 1998, p.19-20).

Sendo assim, a literatura de cordel é um rico material de análise para o historiador, que não estar livre do olhar crítico dos estudiosos, mas que se torna válida para estudo, servindo como uma nova fonte, fazendo um contraponto sobre outras documentações históricas. Esse material é significativo para avaliar a visão dos populares sobre determinados assuntos contida nos cordéis.

Inúmeras são as representações feitas sobre o Cangaço por vários poetas de cordel e, dentre eles, podemos destacar: Francisco das Chagas Baptista (1882-1930) e João

Martins de Athayde (1880-1959), ambos nordestinos. Na poesia de Chagas Baptista, o cangaceiro Antonio Silvino é cantado, sendo a sua imagem representada como um justiceiro:

Uns quatrocentos mil réis  
 Com os pobres distribuí  
 Não serve isto para minh'alma  
 Porque esta eu já perdi,  
 Mas serve pros miseráveis  
 Que estavam nus e eu vesti.  
 (A História de Antônio Silvino)

Tomei dinheiro dos ricos  
 e aos pobres entreguei  
 protegi sempre a família  
 moças pobres amparei;  
 o bem que fiz apagou  
 os crimes que pratiquei.  
 (O interrogatório de Antônio Silvino)

Através do trecho acima supracitado, percebemos que Silvino, nas palavras de Chagas Baptista, era um homem que roubava dos ricos para ajudar os pobres e que além de proteger as famílias, as moças eram sempre amparadas por ele. Além disso, assume que a sua alma não está mais salva, mas os crimes e as maldades que tinha feito seriam perdoados, face às bondades praticadas.

Outro cangaceiro muito cantado na poesia de folhetos é Virgolino Ferreira da Silva (Lampião). O poeta Francisco das Chagas Batista conta as ações de Lampião pelo sertão do Nordeste, estabelecendo decretos:

Diz o primeiro decreto  
 No seu artigo primeiro:  
 Todo e qualquer sertanejo,  
 Negociante ou fazendeiro,  
 Agricultor ou matuto  
 Tem que pagar tributo  
 Que se deve ao cangaceiro.

No paragrapho primeiro  
 Desse artigo elle restringe  
 A lei somente aos ricos  
 Dizendo: a lei não attinge  
 Ao pobre aventureiro,  
 Pois que não possui dinheiro  
 Diz que não tem e não finge.  
 (Os decretos de Lampeão)

É interessante notar que a poesia descrita acima também cria uma representação de Lampião como um sujeito autoritário, mas ao mesmo tempo, benevolente para com os pobres,

pois não os sacrificava, uma vez que estes não tinha condições de pagar os tributos aos cangaceiros, sendo que os ricos é que deveriam pagar, pois tinham condições.

Por outro lado, nem todas as visões são positivas. Um olhar diferente foi criado no Cordel do poeta Martins de Athayde que fala de Maria Bonita. Nesse cordel, a companheira do cangaceiro foi representada como sendo uma mulher sanguinária, assassina, sem nenhum amor ou paixão e cruel, vejamos a seguir:

Esta mulher assassina  
 Que até rifle maneja  
 Não era por amizade  
 Que ela o bando ocupava  
 Seu instinto era malvado  
 Seu amor degenerado  
 Só luto e dor espalhava.  
 (Maria Bonita: a mulher no cangaço)

Além das produções dos populares sertanejos, várias manifestações artísticas se apropriaram do fenômeno cangaço, fato esse que acabou immortalizando nas mentes das pessoas os sujeitos cangaceiros. Para ilustrar essas diversas produções, citamos a minissérie “*Lampião e Maria Bonita*”, produzida pela Rede Globo de televisão, na década de 80, protagonizado pelo autor Nelson Xavier (Lampião) e Tânia Alves (Maria Bonita).

A produção musical também abordou as ações dos cangaceiros, mostrando a valentia e a coragem de Lampião, a bravura de Maria Bonita que conquistou “O Rei do Cangaço”, fazendo com o que o chefe de bandidos se rendesse ao amor e à paixão. O retrato dessas descrições está contida na música “Mulher nova, bonita e carinhosa” (1982) de autoria de Octacílio Batista e que foi cantada por Amelinha e Zé Ramalho. Conforme veremos:

Virgulino Ferreira, o Lampião  
 Bandoleiro das selvas nordestinas  
 Sem temer a perigo nem ruínas  
 Foi o rei do cangaço no sertão  
 Mas um dia sentiu no coração  
 O feitiço atrativo do amor  
 A mulata da terra do condor  
 Dominava uma fera perigosa  
 Mulher nova, bonita e carinhosa  
 Faz o homem gemer sem sentir dor

É interessante salientar que a representação construída pela literatura de cordel, pelas manifestações artísticas televisivas e musicais, proporcionavam um destaque aos vários aspectos dos cangaceiros. Em dado momento aparecem descrições positivas, exaltando a

valentia dos bandoleiros nordestinos, em outros casos, os cangaceiros aparecem como miseráveis e cruéis.

A produção literária também evidenciou esse fenômeno. Em *Vidas Secas*, um dos livros mais populares de Graciliano Ramos, conta a história de uma família de retirantes, que impelidos pela seca, passam por diversas situações. Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o mais velho e a cachorra baleia passam por dificuldades, o sofrimento da seca, a miséria extrema, a fome e a inacessibilidade aos estudos.

Fabiano, após ter sido preso, de ter apanhado do soldado amarelo e de ter sofrido violências e injustiças, ventila a possibilidade de sair da cadeia raivoso e entrar num bando de cangaceiro, para matar aqueles que comandavam o soldado, pois eram injustos. Inserir-se no banditismo seria a opção encontrada por Fabiano, para vingar-se das agressões e humilhações sofridas. Dessa forma, Graciliano privilegia a idéia de que o sujeito ingressa no cangaço como meio de vingança.

Contudo, é um erro admitir que o tema cangaço é escrito apenas entre os acadêmicos e os literários. Outro estilo de texto também foi produzido por memorialistas, curiosos e intelectuais que se interessam em escrever sobre o assunto, mas sem nenhuma preocupação com os rigores teóricos e metodológicos da produção historiográfica.

É dentro dessa categoria de estudos “informais” que se situa o cronista Eduardo Barbosa, no livro *Lampião Rei do Cangaço*, analisou a imagem do cangaceiro Lampião de forma bem romaneada, não indicando as fontes para suas afirmações. Apresenta-o como o “Robin Hood” ou “Dick Turpin” do sertão nordestino. Expõe que, embora o chefe de cangaceiro tenha deixado rastro de sangue em vários locais por onde visitou, não deixou de ser o protetor dos desamparados. Nessa obra, pretendeu o autor, triunfar o lado “bom” do cangaceiro Virgolino Ferreira da Silva, com o esforço de mostrar a personalidade do bandoleiro.

Barbosa examinou o duro modo de viver dos cangaceiros que impelidos pelas injustiças e desmandos políticos, criaram a sua própria justiça, pois “se não era a melhor, era ao menos, mais justa do que a distribuída pelos coronéis e chefes políticos do interior.” (BARBOSA, p.7). Por essa idéia, a justificativa para os cangaceiros terem optado pela vida no cangaço seria as inúmeras injustiças sociais espalhadas pelo sertão do nordeste, o abandono das autoridades, aliado ainda ao sofrimento da seca, que assola a vida dos nordestinos, tudo isso, contribuiu para Virgolino Ferreira e seus comparsas terem se tornado cangaceiros,

passando a viver fugitivos das “volantes<sup>1</sup>”.

A argumentação principal do autor é que tendo se tornado cangaceiro, a única forma de sobreviver era pondo em prática a sua própria lei, que concorria com a dos chefes políticos e dos coronéis, porém, se sobressaía em relação a estas por ser “justa” e “digna” para os sertanejos. No decorrer da obra, o autor procura construir a imagem de Lampião como um homem de princípios, com prodigalidade, bondade em esbanjar dinheiro aos necessitados/humildes, comportamentos que fizeram do “Rei do Cangaço” ser lembrado no imaginário como o “herói” dos Nordestinos.

Antônio Amaury e Vera Ferreira, dois pesquisadores do cangaço, na obra intitulada “*De Virgolino a Lampião*” (1999), criticaram a produção da historiografia conservadora que marcou a figura de Lampião apenas com o traço de criminosos, de delinquente e assaltante. Características e interpretações parciais, que constituíram discursos interesseiros. Para tanto, evidenciaram outras razões que poderiam ter motivado homens e mulheres nordestinos a ingressar no cangaço. Apontam também as “imprecisões” históricas que muitos documentos apresentam sobre os cangaceiros. Essas fontes construíram no decorrer dos anos “uma história silenciosa à margem da história oficial – ainda é a partir dos documentos fomentados pelos poderes dominantes que se apóia a maior parte dos historiadores.” (AMAURY; FERREIRA, 1999, p. 11)

Prosseguindo, afirmaram ainda que, sem sombra de dúvida, o acúmulo de injustiças sofridas nas mãos dos mais poderosos, a continuidade desmedida da situação de sujeição dos nordestinos, as inúmeras perseguições e as mágoas pessoais, oriundas de disputas com vizinhos ou com a própria polícia levou os sertanejos para o cangaço.

O coronel era o latifundiário todo poderoso, a quem a lei não se aplicava. Todas as outras pessoas eram sujeitas a ele, não importando se nada tivessem ou se fossem donas de um pequeno pedaço de terra. Gostassem ou não. Por suas decisões, geralmente nada imparciais, o coronel vivia a criar inimigos e na verdade manipulava indivíduos e famílias uns contra os outros, sempre visando seus próprios interesses. Quem tinha personalidade mais forte e paciência menor acabava se revoltando contra esse estado de coisas, pegando em armas e tornando-se cangaceiro. (AMAURY; FERREIRA, p. 25)

Assim, muitos cangaceiros foram produtos das mazelas ocorridas na região do Nordeste, que vivia controlada pelos interesses do Coronel, que por sua vez tinha o poder de decisão nos pequenos locais e muitas vezes utilizava essa força para manipular as pessoas,

---

<sup>1</sup> Forças policiais, criadas pelo poder público que se disfarçavam de cangaceiros, tentando descobrir os seus esconderijos.



garantir os seus anseios, privilégios e proteger os mais próximos.

Sem aceitar tais imposições e as injustiças espalhadas pelos coronéis, surgiu Lampião, que “[...] subverteu a ordem imposta, mesmo que não fosse esse seu objetivo”. (AMAURY; FERREIRA, p. 28). Em outras palavras, não aceitando se submeter ao estado de sujeição no qual o coronel o colocava, o cangaceiro se rebelava, promovendo a sua própria justiça.

O Cearense, Xavier de Oliveira, no livro *Beatos e Cangaceiros: história real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Nordeste*, apresenta algumas causas que teria sido responsáveis pelo surgimento do banditismo no Nordeste: analfabetismo, a falta de justiça, o desemprego, o salário baixo e a politicagem.

Outros profissionais que discutem o tema cangaço são os jornalistas. No Livro *Lampião na Bahia* (1988) de Oleone Coelho Fontes, analisa as singularidades de um homem de princípios, examinando se o chefe de cangaceiros realmente foi um homem de palavra empenhada ou se era tudo uma lenda. Fontes afirma que “Lampião nem só cumpria a palavra, mas gostava que todos soubessem que era capaz disso.” (1988, p. 156). A fama de homem que honrava a palavra tornou-se popularizada, de modo que muitos sertanejos têm orgulho de se referir ao “Rei do Cangaço” como um sujeito que cumpria o que falava.

Porém, isso não quer dizer que Virgolino Ferreira da Silva e seus comparsas tenham sido sujeitos honestos e que a sua palavra fosse de alta confiança. Não se deve generalizar. Essa questão merece análise crítica, pois, há algum interesse que está em jogo. Os cangaceiros precisavam de uma forte ligação com coiteiros, para isso, era necessário dar o “bom exemplo”. A façanha do chefe de cangaceiros de disseminar a ideia que era um homem de palavra empenhada e honesta deve ter funcionado como uma arma para preparar o terreno para futuras ações em que poderia tirar proveito daqueles que o admiravam, e o consideravam como um homem honesto, de princípios e cumpridor de suas palavras.

Outro jornalista que se interessou pelo assunto foi Chiavenato com a publicação de *‘Cangaço: A força do Coronel’* (1990). Ele ataca os mitos que cercaram a vida dos cangaceiros, enumerando da seguinte forma: o povo, que transforma Lampião em herói, o intelectual que vê no cangaceiro, o sertanejo revoltado contra o sistema do poder existente e os jornalistas, querendo ajudar a ideologia do Estado Novo, alegando que os cangaceiros eram responsáveis pela miséria. Além disso, critica os autores que defendem que os sertanejos tenham ingressado no cangaço pela falta de escolaridade.

Para falar sobre a relação de Lampião com a sociedade de sua época, Clemente (2007, p.2) apontou que “[...] é necessário levar em conta que o chefe dos cangaceiros soube

construir, quando teve oportunidade, uma relação com jornalistas e fotógrafos da época, o que lhe rendeu algumas imagens favoráveis”. Isso nos leva a crer que o chefe de cangaceiros se empenhou em criar sua imagem positiva ao público, mesmo sofrendo perseguições da polícia, soube usar os recursos da mídia da época e a fotografia, para se autopromover, o que por sua vez, proporcionou a criação de várias representações a seu respeito.

## 2. O PODER NA HISTORIOGRAFIA

A proposta de pesquisar os editoriais que o jornal A Tarde publicou sobre Lampião e seu grupo de cangaceiros (as) não tem a intenção de buscar questionar se o que foi noticiado pelo jornal em suas páginas eram fatos verídicos ou não, nem tampouco interrogar sobre a relação entre a representação do cangaço feita por esse veículo com a realidade. O objetivo aqui é unicamente de compreender como o principal jornal de circulação da Bahia interagiu com a sociedade baiana em suas reportagens, demonstrando a sua opinião nas entrelinhas de suas notícias a respeito dos cangaceiros no tempo de Virgolino Ferreira da Silva.

O poder, durante muitos anos, foi abordado pela historiografia como algo relacionado a certos sujeitos, ao Estado enquanto instituição, ligando-se com a política, que era vista como o único lugar que o poder se fazia presente. “No século XIX, poder é sempre poder do Estado – instituições, aparelhos, dirigentes; os ‘acontecimentos’ são sempre eventos políticos, pois são estes os temas nobres e dignos da atenção dos historiadores.” (FALCON, 1997, p.65). Essa história passou a ser chamada como história política tradicional. O seu declínio se deu no século XX, quando grupos de historiadores da Escola dos Annales começaram a lançar críticas severas ao seu modo de abordar o poder na vida social, que não evidenciava novos objetos e se mostrava de forma narrativa e factual.

Com a Nova História, a noção de poder passou a ser analisada pela historiografia com novos métodos e olhares. Historiadores começaram a perceber as inúmeras formas de poder que existem na sociedade, que convivem com as pessoas e são praticadas pelas mesmas nos diversos lugares sociais. Para Falcon (1997, p. 75) “a nouvelle histoire possibilitou a abertura para concepções novas e variadas a respeito de temas pouco frequentados pela historiografia: os poderes, os saberes enquanto poderes, as instituições supostamente não-políticas, as práticas discursivas.”

Assim, essa nova abordagem possibilitou discutir novas metodologias e objetos de estudos pelos historiadores, dentre os quais: os minúsculos poderes espalhados no meio social e as suas práticas para exercê-los, a fim de dominar determinados grupos sociais, o poder do discurso e etc. A partir de 1970, a produção histórica passou a ser marcada pela contribuição de Michel Foucault que propôs a compreensão do poder, a partir de outro olhar e concepção, demonstrados na obra *Microfísica do Poder* (1979).

Foucault mostrou as diferentes práticas relacionadas ao poder, não sendo somente aquele poder ligado às instituições políticas, explicitando a presença nos diversos espaços sociais de múltiplos poderes e não de um único poder. Como observou Falcon (1997, p. 75),

Michel Foucault revolucionou a historiografia por ter problematizado “as infinitas astúcias dos poderes em lugares históricos pouco conhecidos dos historiadores – família, escola, asilos, prisões, hospitais, hospícios, polícia, oficinas, fábricas e etc”. Em síntese, nas relações sociais do ser humano.

É oportuno acrescentar que essas novas perspectivas no estudo sobre o poder vêm se ampliando ainda mais. Bourdieu, por exemplo, expõe a questão do poder simbólico, acompanhado de Roger Chartier que discute o domínio das representações sociais e suas ligações com as práticas sociais, abrindo o olhar para a pesquisa histórica, uma vez que o sentido da simbologia do poder, as diversas representações sociais e coletivas, os imaginários sociais, estão dialogando com a história, possibilitando assim, novos objetos de estudo para o historiador.

No livro *A ordem do discurso* (2004), Foucault apresenta um conceito de poder do discurso ao examinar as práticas discursivas e os poderes que as permeiam. Ele abordou os procedimentos de controle do discurso na sociedade, assim como procurou desvendar o sentido da dominação e do poder que cercam as construções do discurso. A esse respeito, vejamos o que nos disse,

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2004, p.7)

Entende-se, dessa forma, que alguns setores da sociedade constroem, produzem os discursos e controlam a sua proliferação, assim como selecionam o que dever ser noticiado, com o intuito de firmar o seu poder, por meio da trama discursiva, que conseqüentemente, propicia manipular os receptores, construindo mecanismos para que esses não percebam que estão sendo manipulados.

Assim, no meio social há aqueles que criam os discursos, um pequeno grupo que tem esse privilégio, que por sua vez, criam certos procedimentos para legitimar o seu poder e impedir que as pessoas expressem sua opinião. De fato, como destacou Foucault (2004, p. 9), “o procedimento mais comum de exclusão é a interdição”. Entende-se essa ideia como sendo o processo no qual se impede as pessoas em geral de falar sobre determinados assuntos no meio social, tendo em vista que estas pessoas não são credenciadas para tal; ao passo em que tal privilégio é reservado apenas àqueles agentes que emitem o discurso.

Como constatou Foucault (2004, p. 7),

Sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.

Por meio desse conceito de “interdição”, que provavelmente se fez presente no discurso jornalístico de A Tarde, podemos entender os motivos pelos quais, esse veículo na hora de “denunciar” as façanhas dos cangaceiros em seus editoriais, nunca noticiou a versão dos cangaceiros em suas páginas, nem procurou ouvi-los, o que nos deixa curioso em saber que interesse havia além do seu papel de veículo comunicador.

O discurso Jornalístico não pode ser considerado transparente e neutro. A sua posição não é imparcial. Por mais que as suas intenções não estejam explícitas ou expostas de forma clara, os procedimentos de exclusão estão presentes, fazendo conexão com uma série de aparatos de dominação. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2004, p. 10).

Nesse contexto, podemos afirmar que o discurso em si não se constitui unicamente como aquilo que manifesta os interesses no ambiente de dominação e sujeição, mas é também aspiração de obter o poder, pois várias ferramentas persuasivas agem nesse intuito, a fim de garantir o controle, a exclusão e submissão. O discurso funciona como uma arma com a qual se luta e com o qual se quer dominar e legitimar um poder.

É interessante salientar que todo e qualquer discurso age cercado de rituais, de sentidos próprios e de ferramentas que facilitam a apropriação pelos vários sujeitos, ligando-se uns aos outros, tecendo um sistema que garante a sua distribuição e proliferação. Portanto, o funcionamento desse sistema complexo da produção do discurso, proporciona a multiplicação no meio social de determinados papéis sociais dos indivíduos, regidos pelos discursos poderosos que querem fixar nas mentes dos sujeitos os seus padrões e as suas verdades absolutas.

O sentido de poder, pelo viés Foucaultiano, deve ser trazido à luz da discussão, uma vez que, estando o poder presente nos diversos segmentos da sociedade, nas diversas relações sociais cotidianas, nas instituições e nos discursos, acaba influenciando as mentes das pessoas. Nesse sentido, o jornal A Tarde, enquanto veículo de comunicação deve ter usado suas ferramentas de poder para propagar uma visão ou um olhar sobre os cangaceiros.

Partindo dessa concepção, podemos ainda ter a oportunidade de desvendar de que

forma o posicionamento do jornal baiano sobre Lampião e seus cangaceiros, revelados nas entrelinhas de suas páginas, formam uma complexa relação entre o fato e o noticiado, onde o relato do jornal sobre as ações dos cangaceiros no Nordeste e no interior da Bahia deve ter contribuído para a constituição do imaginário das pessoas sobre esses sujeitos.

## 2.1 Discurso, Poder Simbólico e a construção de representações

Pierre Bourdieu na obra *economia das trocas linguísticas* (1998) elege o discurso como tema central do seu livro. A sua empreitada foi a de mostrar uma teoria do poder simbólico. Para isso, ele se debruça em analisar as formas de representações sociais, procurando identificar a fabricação do simbólico. Segundo esse autor, a linguagem, e de modo mais amplo, as representações sociais funcionam como uma arma para constituir a construção da realidade. Nesse sentido, Bourdieu (1998, p.81) destaca que,

Todo agente social aspira, na medida de seus meios, a este poder de nomear e de constituir o mundo nomeando-o: mexericos, calúnias, maledicências, insultos, elogios, acusações, críticas, polêmicas, louvações, são apenas a moeda cotidiana dos atos solenes e coletivos de nomeação, celebrações ou condenações de que se incubem as autoridades universalmente reconhecidas.

Desta forma, o ato de nomear contribui para constituir a estrutura do mundo social, procurando evidenciar a maneira que esse espaço deve ser visto, assim como delinea a percepção que os agentes sociais têm desse mundo. O ato de atribuir qualidades e adjetivos ao mundo, objetiva firmar um discurso dominante, no intuito de moldar a visão dos sujeitos. Novamente Bourdieu (1998, p. 82) constata que,

[...] o insulto, assim como a nomeação, pertence à classe dos atos de instituição e de destituição mais ou menos fundados socialmente, através dos quais um indivíduo, agindo em seu próprio nome ou em nome de um grupo mais ou menos importante numérica ou socialmente, quer transmitir a alguém o significado de que ele possui uma dada qualidade, querendo ao mesmo tempo cobrar de seu interlocutor que se comporte em conformidade com a essência social que é assim atribuída.

Outro livro de autoria de Bourdieu intitulado de *O poder Simbólico* (2009), analisa os fenômenos de percepção social da produção simbólica e das relações informais de poder, além de criar formulações acerca das noções de (reprodução e poder simbólico). O poder simbólico, na visão desse autor, em tese, se caracteriza como um poder que não se vê e a sua prática pressupõe a existência daqueles que exercem esse poder e daqueles que estão

submetidos a esse poder.

Segundo Bourdieu (2009, p. 7)

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Para esse autor, o exercício do poder simbólico tem por objetivo erguer e construir o sentido da realidade, que por sua vez, tende a estabelecer uma ordem de sentido do mundo social. Para os marxistas as produções simbólicas estão imbricadas com os interesses das classes dominantes. “Os sistemas simbólicos cumprem a sua função de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra.” (BOURDIEAU, 2009, p.11). Essa dominação é conceituada por esse autor como sendo uma violência simbólica.

Expõe ainda que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações, que podem permitir acumular poder simbólico. Através dessa visão, podemos afirmar que a comunicação é um centro de poder, que se encarrega de construir sentido e uma imagem para a realidade.

Esse autor ainda acrescenta que as diferentes classes travam uma luta no campo simbólico, a fim de impor a sua definição do mundo social em consonância aos seus interesses, para conduzirem o controle da violência simbólica, a qual se caracteriza pelo poder de impor, fixar valores e atribuir o sentido da ‘realidade’ social.

Com efeito, refletindo como o poder simbólico é exercido, podemos afirmar que a mídia em geral é capaz de criar uma realidade, como também tem o poder de transformar a visão de mundo daqueles que validam a sua opinião e prestigiam o seu discurso. Sendo assim, esse poder que os meios de comunicação têm, se manifestam não apenas no sentido das palavras em si, mas, sobretudo, com a legitimidade que é conferida para aqueles que comunicam, conforme demonstra o trecho a seguir: “[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo [...]” (BOURDIEAU, 2009, p.14).

Esse conceito nos faz refletir sobre o papel do jornal A Tarde, enquanto veículo noticioso, que tem poder legitimado e institucionalizado e que de certa forma está invisível aos nossos olhos. Interessante refletir se o referido jornal utilizou esse poder para inculcar valores, normas, regras e sua ideologia aos leitores. Especificamente, se se apropriou de seu

poder para criar e firmar um discurso sobre os cangaceiros(as) no século passado e se foi contundente em suas opiniões sobre os bandoleiros do tempo de Lampião.

## 2.2 O Jornal Impresso: Uma fonte histórica possível?

A história do jornal impresso está inteiramente ligada com a história da escrita. A evolução da escrita não somente deu forma e tom ao jornal impresso, como também o configurou, dando vida e sentido a esse veículo noticioso. É interessante destacar que, historicamente, escrever e relatar fatos foi exclusividade de poucos. Conforme enfatizou o ensaísta Paillet (1986, p. 4),

Escrever e ler foi, durante milênios, privilégio das classes dominantes ou de categorias especiais no interior das sociedades mais desenvolvidas. O relato dos acontecimentos, por conseguinte, ficou ligado naturalmente ao que as classes dominantes consideravam essencial.

Por essa razão, devemos observar que a manipulação e o controle dos textos escritos constituem-se como uma forma de poder. Ocupando essa posição estratégica de domínio, os detentores desse espaço lutaram para se manter nesse ambiente, procurando firmar-se cada vez mais, preservando e controlando o acesso da construção dos textos escritos, deixando aos leitores apenas aquilo que lhes interessa e a versão que achar conveniente.

Sabemos a importância do jornal como veículo de informação, de congeminar a notícia a milhares de pessoas. Todavia, Faria alerta sobre os cuidados que se deve ter na leitura de notícias contidas nos jornais. Vejamos o que essa autora nos disse,

As formas de informação contidas nos jornais podem ser armadilhas e o leitor pode muito bem cair nessa cilada, sem falar que muitas vezes este não reflete o que está lendo, por isso que para o leitor é importante não só aprofundar o domínio da língua, para desenvolver-lhes o espírito crítico e preveni-los sobre as ilusões da neutralidade e objetividade do texto jornalístico. (FARIA, 2002, p. 47)

O Jornalista e Historiador André Chaves de Melo Silva pesquisou a relação entre os programas e currículos do ensino de História e os cinejornais produzidos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) enquanto instrumentos de disseminação de um conjunto de ideias voltadas para a criação de uma identidade nacional, negadora das diferenças regionais, durante o governo de Vargas (1930-1945). Analisou 34 cinejornais no decorrer de sua pesquisa, no intuito de observar se havia alguma relação com a política oficial voltada para a utilização do cinema para fins educativos.

Para esse autor, os cinejornais, que eram distribuídos por todo o País, numa linguagem



unificadora se prestaram também a essa finalidade. Tais espaços assumiram então um papel e uma linguagem semelhante à utilizada pelos programas oficiais de rádio da época, alguns feitos também pelo DIP, antecessores dos sistemas de rede nacional posteriormente criados durante o regime militar:-

Os cinejornais surgiram como um instrumento de informação e de complementaridade no processo educativo, tendo relação direta com o ensino de história, na medida em que os conteúdos trabalhados por ambos são idênticos, apresentando a meta de formar uma nova identidade nacional.(SILVA, 2008, p.04)

No artigo *Mídia e Política: a metamorfose do Poder*, Davys Sleman de Negreiros discute o poder da mídia. Para esse autor, a mídia não é apenas um poder auxiliar, apesar da grande parte das pessoas acreditarem ser ela um quarto poder. No entanto, afirma que a mídia não só fornece os temas sobre os quais os públicos devem pensar, não agindo apenas como mediadora entre os poderes, mas funcionando como um dispositivo de produção do próprio poder de nomeação, e, no limite, também de funcionamento da própria esfera política.

Originalmente o discurso é uma prática ou ação que está atrelada a alguém ou a uma instituição que atua no intuito de representar algo, a fim de que essa construção ou representação seja considerada uma verdade absoluta. Na verdade os produtores do discurso defendem a sua ideologia para se firmar no espaço social. É nesse contexto, que Albuquerque (2009, p. 34) enfatiza que “todo o discurso precisa medir, e demarcar um espaço de onde se anuncia”.

Durval Muniz de Albuquerque Junior discute o poder das práticas discursivas, no livro “*A invenção do Nordeste*” (2009). Nessa obra o autor procurou desnaturalizar a região Nordeste, tentando questionar e problematizar a construção e invenção dessa região no contexto das práticas de poder do discurso, levando à reflexão sobre o entendimento das relações que funcionaram no jogo que deram sentido ao conceito de região “Nordeste”. O objetivo principal desse autor foi o de tentar evidenciar quais recursos audiovisuais e enunciados ajudaram a produzir e consagrar uma representação desse espaço regional, tendo como foco principal a rede de poder que contribuiu para efetivar um saber sobre o Nordeste, que firmou uma série de imagens desse local, colocando-o como região periférica, afastada das relações de poder e do destino do país.

Os distanciamentos entre a região Norte e Sul determinaram que esses locais fossem altamente desconhecidos por seus habitantes, que passaram a significar como sendo regiões longínquas e distantes umas das outras, apesar de estarem integradas a um mesmo país. A

visão que será tecida no decorrer dos anos é de um estranhamento de comportamento e dos costumes dos nordestinos pelos sulistas que rotulam os primeiros como “estranhos”, marcados pelo atraso.

O autor utilizou diversas fontes, dentre as quais: o discurso acadêmico, publicações em jornais de artigos ligados ao campo cultural, à produção literária e poética de romancista e poetas nordestinos ou não, até músicas, filmes e peças teatrais que tomaram o nordeste por tema e que constituíram essa região com diversas representações que naturalizaram o espaço geográfico e sua população. O discurso que os políticos fazem do Nordeste também foi analisado pelo autor, que apontou o seguinte:

Os discursos políticos dos representantes dos estados do Norte, antes dispersos, começam a se agrupar em torno de temas que sensibilizam a opinião pública nacional e podem carrear recursos e abrir locus institucionais nos estados. A seca, o cangaço, o messianismo, as lutas de parentela pelo controle dos estados, são os temas que fundarão a própria idéia de Nordeste, uma área de poder que começa ser demarcada, com fronteiras que servirão de trincheiras para a defesa dos privilégios ameaçados. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009 p. 46)

O conjunto das práticas discursivas dos jornais, textos, imagens, dos políticos e sons, no final da primeira década e início da segunda década do século XX, quando o nordeste foi instituído, fixou qualificações sobre essa região, fazendo com que essas representações fossem aceitas como verdades. De fato, o que se verá é um discurso pejorativo da região nordeste, firmada principalmente no discurso da mídia jornalística do Estado de São Paulo, na década de 1920, que propagou a ideia da inferioridade dos nordestinos, composta de fanáticos religiosos, da violência e o banditismo.

O artigo com o título “Impressão do Nordeste”, de autoria de Paulo Moraes, jornalista do Jornal O Estado de São Paulo, continha tais afirmações sobre o Nordeste, em contraposição, logo após a essa publicação, foi feito um artigo “Impressão de São Paulo”, descrições inteiramente opostas das que foram feitas sobre o Nordeste do Brasil. O objetivo com essas duas publicações estavam claras: disseminar uma visão sobre São Paulo como símbolo da “civilização” e “Modernidade” e do Nordeste, uma região de “atraso” de “bandidos” e “fanáticos”.

Para o aprofundamento da pesquisa foi fundamental o estudo de Maria do Socorro Soares Ferreira, a qual oferece uma amostra sobre a ideologia vinculada pelo Jornal A Tarde em suas publicações entre os anos de 1928-1931. Essa autora demonstrou o significado da revolução de trinta que foi construído pelo jornal baiano, diante dos acontecimentos políticos da pré-revolução feita por Getúlio Vargas. Além disso, analisou as publicações do ano de

1931, que significaram o início das mobilizações contra a centralização do poder do Presidente Vargas. Ferreira buscou identificar de que forma vários sujeitos sociais, como os índios, os negros, as mulheres e a elite baiana eram representados nas páginas publicadas.

O importante nessa pesquisa foi a constatação de que Jornal e Poder estão interligadas. O jornal para firmar o seu discurso necessita de poder para se legitimar enquanto veículo que dissemina valores e ideias. Maria do Socorro Ferreira destacou que o discurso do jornal A Tarde revelou um projeto que tinha função política de querer fazer ensinar aos baianos determinados comportamentos e posturas, além de sugerir modelos de cultura para fazer com os esses sujeitos se inserissem no mundo da “modernidade”.

Marianne L. Wiesebron em seu artigo “*Cangaço e política: a época de Antônio Silvino na Imprensa*” (1996) estudou os vários jornais que cobriram a atuação de Silvino, apelido de Manuel Batista de Moraes, um dos cangaceiros mais importantes que já existiram. O objetivo da autora foi analisar a relação entre política e o cangaço, particularmente como a política influenciou a reportagem sobre o cangaço e cangaceiros, e se isso tem consequências para o uso do jornal como fonte de pesquisa. Os jornais da época, estudados pela autora, provêm quase todos de Pernambuco, exceto A União, da Paraíba.

Enfatizou que o jornal é uma fonte importante para os estudos do cangaço, uma vez que são encontrados relatos, artigos, comentários e editoriais para reflexão. Conforme destaca, os jornais que seguiam com mais regularidade os eventos que tocam à vida dos cangaceiros, especialmente os bandidos mais importantes. Além disso, a notícia sobre o cangaço interessava diretamente aos habitantes de certas áreas do estado, no qual um jornal era publicado, podendo inclusive aumentar a tiragem por ser um assunto regional. Afirma ainda que durante os anos que o cangaço foi uma temática importante, os jornais eram mais opinativos do que informativos, salientando que alguns casos o jornal era afiliado a um partido ou até órgão do governo, seguindo certa linha política.

Conclui, afirmando que a política desempenhou um papel importante na reportagem sobre o cangaço, uma vez que parte do acontecido foi relatado, ou foi, simplesmente, modificado, por isso, os jornais analisados mostraram-se como fonte difícil de ser estudada, visto que a política influenciou a produção de reportagem sobre o cangaço, além disso, as diferenças dos pontos de vistas de cada jornal foram nítidas. Todavia, Wiesebron não descarta a possibilidade de utilizar o jornal como fonte histórica, mas observa que é preciso cautela no seu uso.

Podemos perceber então que o trato com jornais precisa ser cuidadoso, tendo em vista que, como quaisquer outras fontes, não são fiéis relatos de fatos em si. Por isso, que de acordo

com Darnton (1939, p. 10) “a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu”. Nesse contexto, ao depararmos com alguma notícia de um jornal, devemos ter em mente que o que está escrito pode não ser realmente o que ocorreu, por tratar-se de que foi escrito por um sujeito que ‘cria’ a notícia.

### 3. ANÁLISE QUANTITATIVA E TIPOLOGICA DAS REPORTAGENS DO JORNAL A TARDE SOBRE OS CANGACEIROS

O presente tópico tem o objetivo de demonstrar o universo de reportagens que foram produzidas pelo Jornal A Tarde a respeito de Lampião e seus cangaceiros, evidenciando o número de edições feitas por ano, por mês, a fim de que tenhamos idéia da quantidade de noticiários entre os anos de 1926-1940. A observação desses dados pode nos demonstrar quando o noticiário do cangaço foi mais explorado pelo Jornal, a partir de que momento houve a multiplicação na produção desse tipo de notícia. Além disso, podemos comparar a circulação de reportagens de cangaceiros anos antes de Virgolino Ferreira entrar na Bahia, com os anos posteriores de sua chegada.

Demonstramos ainda a circulação de outros assuntos que foram destacados no noticiário do Jornal Baiano, juntamente com a temática do cangaço. E nesse sentido, realizamos análise das frequências desses temas, comparando com a circulação das reportagens dos cangaceiros, com o fim de poder observar a ênfase que A Tarde atribuía às façanhas dos cangaceiros da época de Lampião, assim como a visibilidade que o fenômeno cangaço teve no espaço da mídia impressa, comparando-se com outros assuntos.

Para viabilizar tais metas, em primeiro lugar, procuramos analisar a quantidade de publicações que o jornal produziu no período compreendido entre os anos de 1926-1940. Tentamos demonstrar o número de edições produzidas por ano, por mês, observando qual localização o jornal inseria as notícias sobre os cangaceiros em suas páginas. Prosseguindo, identificamos os temas que juntamente com o cangaço apareciam nas páginas de publicação, e, por fim, promovemos uma análise dos temas que figuraram na capa do Jornal A Tarde.

No contato com as fontes encontramos quarenta e quatro edições do Jornal A Tarde que aparecem artigos do cangaço entre os anos de 1926-1940. As distribuições por ano e mês podem ser observadas na tabela 1:

**Tabela 1** - Distribuições da ocorrência de notícias sobre Lampião, por mês, dia e ano.

Ano	Mês	Dia(s)	Ocorrências por mês
1926	Janeiro	23	01
1927	Junho	17	01
1928	Agosto	23	01
	Dezembro	31	01

Continua

Ano	Mês	Dia(s)	Ocorrências por mês
1929	Janeiro	11 e 17	02
	Abril	17	01
	Julho	6 e 9	02
	Agosto	8	01
	Outubro	21, 16	02
	Dezembro	24	01
1930	Janeiro	3 e 8	02
	Agosto	5 e 8	02
	Setembro	12	01
1931	Fevereiro	14	01
	Maio	2 e 22	02
	Junho	05, 12 e 27	03
	Outubro	03 e 26, 14	03
	Dezembro	17	01
1932	Outubro	10	01
	Novembro	21	01
1933	Março	29	01
	Julho	24	01
	Outubro	9 e 21	02
1934	Janeiro	5	01
	Abril	20	01
1936	Maio	23	01
	Junho	6 e 27	02
1937	Novembro	10	01
1938	Outubro	22, 24, 26	03
1940	Abril	2	01
<b>Total</b>			<b>44</b>

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

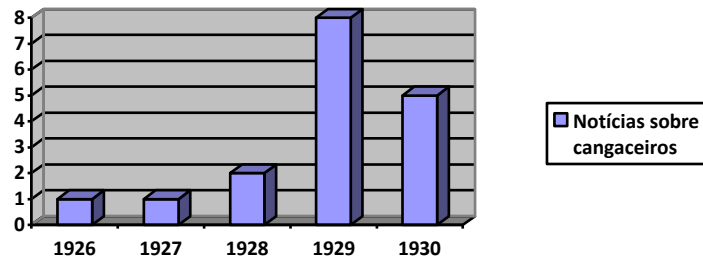
Conforme se vê, temos um período de treze anos com publicações sobre os cangaceiros, feitas por A Tarde. A chegada de Virgolino Ferreira (Lampião) e seu bando no Estado da Bahia é datada de 1928. Observando as publicações produzidas pelo Jornal entre os anos 1926-1927, portanto anteriores à chegada do bandoleiro no estado baiano, podemos perceber que os artigos a respeito de Lampião e seus comparsas são ainda escassos, o que pode demonstrar um desconhecimento do Jornal acerca dos seus crimes no sertão ou ainda a pouca fama de Virgolino na Bahia.

No entanto, a partir do ano de 1928, podemos perceber que A Tarde produziu mais notícias sobre os cangaceiros, dando sinais de que Lampião e seus cabras passam a ter papel de destaque nas páginas do jornal baiano. Como seria de se esperar, a partir da passagem de Lampião pela Bahia (1928) houve um aumento significativo de publicações sobre os cangaceiros, sendo possível que o Jornal tenha passado a acompanhar os acontecimentos que envolviam o bando.

O Gráfico seguinte demonstra a produção de notícias sobre os cangaceiros, feitas pelo

Jornal A Tarde, no final da década de 20, sendo comparada com o início dos anos 30.

**Gráfico 1** – Comparação da frequência de notícias de cangaceiros no final da década de 20 e início dos anos 30.



Estamos percebendo que antes do grupo de Virgolino Ferreira entrar na Bahia, o Jornal A Tarde não dava tanta ênfase em seus noticiários aos cangaceiros. Todavia, observamos que isso mudou, após um ano da chegada dos bandidos em território baiano. Com a entrada do grupo de cangaceiros, liderados por Lampião, os cidadãos do interior da Bahia puderam sentir na pele os crimes desses bandidos, como os saques e os assaltos praticados contra comerciantes. Sendo assim, os rumores desses acontecimentos no interior da Bahia proporcionaram a multiplicação na produção de editoriais destacando as façanhas dos bandoleiros nas páginas do Jornal A Tarde.

Constata-se que o fenômeno cangaço foi um ‘tema’ presente no Jornal A Tarde no ano de 1929 e por todo o ano de 1930, isso porque, era um assunto que despertava o temor ou simplesmente a curiosidade dos leitores e da sociedade em geral, tendo em vista os crimes, saques, assaltos e batalhas nas caatingas.

Analisar a frequência das reportagens sobre os cangaceiros pode evidenciar a importância que o assunto ganhou no jornal (e que tinha na sociedade). Uma comparação da circulação dos assuntos que apareciam nas páginas pode evidenciar quais temas eram mais destacados, que assuntos não tiveram visibilidade pelo jornal e se o cangaço enquadrava-se como notícia de grande circulação, comparando-se com outros assuntos.

Realizando uma análise nas três primeiras páginas do Jornal A Tarde podemos perceber que o tema ‘cangaço’ foi frequente, conforme dito anteriormente, com quarenta e quatro reportagens enfocando os cangaceiros no período analisado, não perdendo, em nível de frequência, para nenhum outro noticiário. As reportagens que abordavam as ações dos cangaceiros foram reproduzidas pelo Jornal A Tarde com um pouco mais de visibilidade do que o assunto relacionado à ‘política’ que apareceu com 33 noticiários durante todo o período estudado. Sendo assim, houve um destaque jornalístico sobre a temática do ‘cangaço’, apesar

da pequena diferença das publicações, em relação à ‘política’. Os fatos policiais figuraram nas páginas do jornal A Tarde como terceira temática mais explorada com 33 publicações, seguido pelos ‘eventos sociais’ com 29 ocorrências de reportagens.

A capa do Jornal é o espaço que precisa de cuidado e atenção na sua produção, tendo em vista representar o local que o leitor vai ter o primeiro contato com o editorial. É a parte do jornal que deve ser bem construída para despertar a curiosidade do leitor. Com relação ao Jornal A Tarde, a frequência que os temas circularam na capa pode ser assim descrita:

**Tabela 2-** Frequência dos assuntos na capa do Jornal A TARDE

<b>Assuntos</b>	<b>Quantidade</b>
Arte e Cultura	04
Economia	13
Esporte	04
Eventos Sociais	13
Fatos policiais	13
Lampião e o cangaço	17
Notícias de outros estados	15
Notícias do exterior	15
Notícias judiciárias	05
Obituário	04
Política	21
Propaganda	06
Religião	03

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

Como a tabela anterior evidencia, há uma frequência significativa de notícias sobre o Lampião e o cangaço. De fato, trata-se da segunda temática mais recorrente, com 17 ocorrências ao longo do período estudado. Se considerarmos, porém, que o tema ‘política’ compreende ainda uma grande variedade de enfoques e personagens, Lampião e o cangaço passam facilmente à condição de assunto específico mais abordado por A Tarde, no período.

A tabela a seguir demonstra em quais páginas Lampião e seus cangaceiros aparecem no jornal.

**Tabela 3 -** Colocação da notícia de cangaceiros nas páginas no Jornal A TARDE, por edição

<b>Distribuição por página</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Primeira página	17	39%
Segunda página	16	36%
Terceira página	11	25%
Totais	44	100%

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

Em todo o período analisado encontramos Jornais com um número de páginas que



variava entre dez e treze, podendo chegar a dezesseis páginas em determinadas ocasiões. Observando a Tabela 3, podemos perceber o destaque nos exemplares do Jornal A Tarde à temática do cangaço, por meio da colocação da notícia nas páginas, reforçando a percepção que as reportagens envolvendo as ações dos bandoleiros pelo sertão nordestino ocuparam posição privilegiada nas páginas do Jornal Baiano, assim como foram explorados com destaque, pois das 17 ocorrências de informes dos bandoleiros na página inicial, em nove dessas reportagens o 'cangaço' foi destacado como manchete.

Outro bom indicativo do destaque dado ao cangaço por A Tarde pode ser obtido observando-se a posição em que as reportagens sobre o tema aparecem nas páginas do jornal. Veja-se nesse sentido os resultados registrados na Tabela 4.

**Tabela 4** - Posicionamento das reportagens sobre cangaceiros nas páginas do Jornal A TARDE

Posição	Quantidade	%
Topo da página	28	64%
Centro	07	16%
Metade inferior da página	09	20%
<b>Totais</b>	<b>44</b>	<b>100%</b>

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

Como se observa na Tabela 4, a grande maioria das reportagens sobre os bandoleiros do sertão foi inserida nas páginas do Jornal baiano em posição de destaque, ocupando o topo da página. Todas essas reportagens que os cangaceiros aparecem nessa posição compreenderam notícias com grande impacto, pois nelas são relatadas a ousadia dos cangaceiros frente às autoridades policiais e notícias de assaltos e saques.

Podemos perceber ainda que além de figurar como assunto de manchete e com maioria de ocorrências na primeira página do Jornal A Tarde, o noticiário dos cangaceiros apareceu em posição privilegiada, pois levando-se em consideração a inserção de reportagem no centro da página, podemos afirmar que a temática do cangaço figurou em local de destaque nas reportagens construídas pelo Jornal A Tarde.

Os atos praticados pelos cangaceiros no interior do Nordeste agitavam os nordestinos, que demonstravam curiosidade de se informar sobre os últimos acontecimentos a respeito dos bandoleiros do sertão. Nesse contexto, o Jornal A Tarde construiu suas reportagens, deixando seus leitores inteirados sobre as façanhas de Lampião e seus cabras, mas também atribuiu destaque ao cangaço e aos desdobramentos das ações dos cangaceiros, que eram acontecimentos que, naturalmente, deixaram perplexa a sociedade baiana.

Outro aspecto a ser destacado na forma como A Tarde tratou da temática relativa a

Lampião e o cangaço foi o uso de imagens. Na construção destas notícias o jornal baiano, reproduziu reportagens com ilustrações e fotografias dos bandidos, com uma frequência pouco observada para outros temas. Analisando a tabela seguinte podemos observar os assuntos que apareceram estampados nas páginas do Jornal A Tarde no período de 1926-1940 com fotografias ilustrando a notícia.

**Tabela 5-** Reportagens com fotografias nas edições do Jornal A TARDE

Assuntos	Quantidade
Artes (Teatro)	08
Economia	04
Educação	02
Esportes	05
Eventos Sociais	13
Fatos policiais	13
Futebol	01
Informativos (propagandas diversas e obituários)	08
Lampião e o cangaço	10
Política	11
Religião	06

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

Percebemos a variedade de assuntos que circularam nas páginas do Jornal A Tarde com fotografias e ilustrações. Constatamos que o tema ‘Lampião e o cangaço’ apareceu em 10 ocorrências, com reproduções de reportagens com fotografias e ilustrações, ou seja, uma frequência menor, se comparada com os noticiários da ‘política’, ‘fatos policiais’ e ‘eventos sociais’, temas que mais exploraram a utilização de fotografias em suas reportagens.

Deve-se considerar, contudo, que era mais fácil para o Jornal A Tarde conseguir fotos de políticos ou eventos sociais (ambos da capital), tendo os fotógrafos ali perto, do que obter fotos do cangaço, que só poderiam ser obtidas lá no meio da caatinga e, provavelmente, com risco de vida para o fotógrafo.

Devemos apontar ainda que desse universo de publicações com fotografias sobre Lampião e o cangaço, houve repetição em 02 reportagens da mesma foto de Lampião, demonstrando mais uma vez a dificuldade de conseguir fotos inéditas do líder de cangaceiro. Em 01 reportagem foi reproduzido um cartaz que oferecia recompensa para aquele que capturasse Virgolino Ferreira, que serviu de ilustração para a notícia sobre o bandoleiro.

A capa do Jornal A Tarde também serviu como espaço de circulação de reportagens com fotografias que acompanhavam os informes. Analisando a capa do Jornal percebemos a variedade dos temas explorados com fotografias ao lado da notícia e a frequência com que

circularam nas páginas.

**Tabela 6** - Reportagens com fotografias na primeira página do Jornal A TARDE

Assuntos	Quantidade
Arte e Cultura	02
Economia	03
Educação	02
Eventos Sociais	09
Fatos policiais	07
Futebol	01
Informativos (propagandas diversas e obituários)	06
Lampião e o cangaço	02
Política	07

Fonte: Jornal A TARDE 1926-1940.

Podemos observar que os ‘eventos sociais’ foram os acontecimentos de primeira página aos quais esteve associada à maior utilização de fotografias, tendo aparecido em 09 ocorrências. Outros temas figuraram com frequências significativas, como por exemplo, ‘fatos policiais’ e ‘política’ com 07 reportagens cada uma. ‘Lampião e o cangaço’ apareceu com 02 reportagens na capa do Jornal com fotografia, obtendo a mesma circulação do assunto ‘Arte e cultura’.

O fato de ‘Lampião e o cangaço’ circular com poucas reportagens, associadas à fotografia, não deve significar pouco destaque do Jornal A Tarde sobre o tema. Por certo, se o Jornal A Tarde tivesse conseguido mais fotos de cangaceiros, teria reproduzido em suas páginas. Porém, a dificuldade que a mídia impressa teve para conseguir fotografias dos cangaceiros, pelo fato de viverem nos esconderijos pelo sertão, tornava completamente impossível localizá-los e fotografá-los com frequência.

É importante observar que as publicações no Jornal Baiano sobre os cangaceiros apareciam como uma temática independente, todavia, não estando isolada das questões militares. Estas notícias eram tratadas de forma diferenciada porque, relatavam também noticiários com dimensão política, funcionando como um espaço de crítica, face à demora do efetivo policial em combater os cangaceiros e a situação de flagelo que os sertanejos estavam passando, por causa das ações dos cangaceiros. Vejamos a transcrição de uma notícia veiculada pelo Jornal Baiano:

As providencias de socorro ao povo infeliz que o banditismo flagella mais que a secca, devem começar por ahi. Se os 2 mil soldados do capitão Chevalier não se põem a caminho, e as azas de aço do illustre aviador permanecem fechadas, que,

pelo menos, se torne livre o commercio de armamentos e se permita aos moradores conceituados que tenham folha corrida nas delegacias districtaes, a compra da lazarina e da garrucha, que são a última esperança do sertanejo espezinhado. Assim, Lampeão recuará! (A TARDE, Salvador, p. 01, 02 Maio. 1931)

Além de denunciar a situação que os Nordestinos estavam vivendo naquele momento e a fragilidade das tropas militares para agir de imediato contra o cangaço, o Jornal A Tarde defendeu a sua posição, quanto ao livre comércio de armas por parte do povo do Sertão, fazendo crer que somente a utilização de arma de fogo poderia frear os atos praticados por Lampeão.

As páginas do Jornal A Tarde serviram também como espaço para veicular notícia acusatória contra determinado governo por acobertar os cangaceiros, apesar de alguns estados da região Nordeste estarem empenhados em exterminar o cangaço. Vejamos o que nos diz a notícia:

Emquanto Alagoas, Pernambuco e o Rio Grande do Norte, combaterem Lampeão sem tréguas; enquanto o próprio governador da Parahyba assume o commando das forças em perseguição, Lampeão, acossado em todos os pontos do norte, encontra asylo no Ceará, e ahy recebe munições, refaz as moutadas e faz do Ceará a sua base de operações, annullando, assim, o combate conjugado dos outros Estados. (A TARDE, Salvador, p. 03, 17 Jun. 1927)

Observa-se que a notícia aponta o Governo do Ceará como cúmplice dos cangaceiros, uma vez que, possivelmente, estaria fornecendo armamentos, animais e fortalecendo os bandoleiros, impedindo com que as ações dos estados engajados para destruir o banditismo no sertão tivessem êxito. Outra reportagem também expõe a suposta relação do Governo do Ceará com Lampeão, apontando comentários entre os políticos sobre o assunto. Vejamos a reprodução de outro noticiário: “Numa roda de senadores governistas, no palácio Monroe, commentavam a protecção escandalosa que o governador do Ceará dispensa a Lampeão.” (A TARDE, Salvador, p. 03, 17 Jun. 1927)

Além disso, o Jornal A Tarde afasta a possibilidade de culpar as forças policiais do estado da Bahia pelo insucesso na busca de Lampeão e seus cangaceiros. Para o Jornal, a polícia da Bahia vinha lutando com todos os esforços para acabar com os cangaceiros, contudo, o Jornal Baiano destaca o fracasso das investidas forças policiais graças aos estados vizinhos, que não estariam demonstrando o mesmo esforço que as forças da polícia baiana para por fim ao cangaço.

A policia bahiana tem sido atacada pelos jornaes da corte que a responsabilizaram – pobre policia e pobres jornaes- pela expansão do banditismo e pela tragédia do

Nordeste. Não há ataque mais injuzto nem increpação menos merecida. Se alguma policia é culpada das tropelais de algum bandido, essa não é a da Bahia. Até agora foi a que mais lutou, a braços com o fascinora e o seu bando desde 1928, ora o desencovando nos seus esconderijos, ora se defendendo delle ou lhe soffrendo a crueldade nas surpresas da catinga. Sommam uma dúzia esses encontros sangrentos, e não deixam mal o policiado bahiano, tão homem como é o tabaréu, quando dispõe de uma arma para desaffrontar-se. O erro da campanha contra Lampeão reflecte-se, não na policia desse Estado, mas na dos Estados vizinhos da Bahia, que ainda não conseguiram afinar com aquella os esforços, para o cerco e a montaria da fera. (A TARDE, Salvador, p. 01, 05 Jun. 1931)

E por fim, o trecho a seguir mostra a fala do Interventor Federal na Bahia, um representante do Estado, que demonstrou em sua proclamação as razões que levaram às forças policiais a falhar nas inúmeras tentativas para capturar Lampeão e seu grupo de cangaceiros. Observamos o que nos disse o Interventor Federal na transcrição abaixo:

Sertanejos!!! A Bahia tem no livro de ouro de sua historia uma pagina negra que precisa ser rasgada: o banditismo no sertão. Lampeão, a besta humana do Nordeste, o cangaceiro famoso pelas suas tropelias e crimes, tem sido um desafio constante e audacioso aos Governos de 7 Estados. Até agora todas as tentativas para impedir a vertigem de sua cavalgada apocalíptica falharam, ora pela deficiência de recursos materiais para a campanha, impossibilitando os nossos briosos soldados de enfrentalo com firmeza, ora pela superioridade do cangaceiro em resistência e conhecimento perfeito da zona flagellada, ora nas surpresas existentes das caatingas onde se escondem as tocaias homicidas, ora o coiteiro, para mim, o responsável directo pelo fracasso das operações e o mais cruel inimigo do povo sertanejo. E, assim, uma luta desigual e interminável entre o soldado e o cangaceiro. Mas, é tempo de pôr-se termo a esta calamidade publica! [...] (A TARDE, Salvador, p. 03, 26 Out. 1931)

Percebemos, através da fala do Interventor, que era representante do governo, a elaboração de uma série de justificativas para explicar o fracasso das ações das forças militares para combater o cangaço. Podemos perceber que o Interventor procurou, tão somente, mostrar aos leitores que, apesar das inúmeras investidas contra os cangaceiros, vários fatores favoreceram os cangaceiros, dentre os quais: o pouco recurso direcionado para as campanhas dos soldados na luta contra o cangaço, o desconhecimento da vegetação do sertão por parte dos militares que dificultava as lutas com os cangaceiros e a cumplicidade entre os bandoleiros e seus coiteiros.

Nesse sentido, o representante do governo deixou claro que não foi por inércia da ação estatal que Lampeão e seus cangaceiros continuavam agindo pelos sertões nordestinos, mas a junção de diversos fatores que estavam impedindo a captura do grupo de cangaceiros, que na visão do Interventor uma luta de ordem pública.

### 3.1 Lampião e seus cangaceiros na mira do jornal a tarde

Como sabemos, Lampião e seus cangaceiros sempre foram notícias nos jornais impressos da época em que realizavam as suas façanhas pelo interior do Nordeste. Na Bahia não foi diferente, e o Jornal A TARDE, de grande circulação pela cidade de Salvador e interior, estampou em suas páginas informes sobre Virgolino e seu bando no auge do cangaço.

Fundado em 1912 por Ernesto Simões Filho, o A TARDE continua sendo um dos jornais mais respeitado e mais lido do Estado. Observa-se que no final da década de 1920, o jornal se intitulava como um veículo de informação independente, político e noticioso, com o intuito de dar informação aos leitores de forma imparcial, mas ao mesmo tempo, não perdendo o seu foco político.

Uma das primeiras edições de A TARDE a falar sobre Lampião é datada de 1926. Vale destacar que no início desse ano, apesar de estar agindo pelos interiores do sertão Nordestino, de sua fama circular por diversas paragens e de causar medo por onde passou, o verdadeiro nome de Lampião é desconhecido pelo jornal baiano. Vejamos então o que se noticia sobre esse cangaceiro no início do ano de 1926: “Qual o nome de baptismo desse terrível facínora – se é que semelhante féra tenha sido baptizada? Poucos o sabem, pois esse nome diluiu-se na sangrenta, que celebrizou a alcunha de Lampião, enchendo de pavor aquellas ínvias paragens”. (A Tarde, Salvador, p. 01, 23 Jan.1926)

Herói, facínora e sanguinário são algumas das diversas qualificações referentes a Virgolino Ferreira da Silva e a seus cangaceiros. No caso do trecho demonstrado acima, o jornal qualifica Virgolino como um “terrível facínora”. Como observou Ana Claudia Duarte Rocha Marques e Jorge Luiz Villela, a imagem de Lampião é rodeada de representações com inúmeros sentidos.

“Herói, bandido ou vítima?, perguntam-se inúmeros intelectuais que se debruçaram sobre a história de Lampião. Com a interrogação traduzem toda a ambiguidade que cerca aquele personagem singular, cujos contornos fugidios parecem revelar àquele que busca maior nitidez, somente o reverso, igualmente volátil, daquilo que procura. (MARQUES; VILLELA, 1999, p. 125)

O título da notícia acima apontada foi “O terror do Nordeste” e deu destaque à união dos estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco, com o fim de acabar com o cangaço, que segundo o jornal estava “aterrorizando a vida dos Nordestinos”. Vejamos a transcrição da notícia: “[...] a photographia do famoso bandido Lampião na vista do qual estão as policias de Bahia, Alagoas e Pernambuco, conjugadas, em virtude do recente convenio para extinguir o

banditismo, que é o flagello dos sertões nordestinos”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 23 jan. 1926)

O jornal impresso, assim como os outros meios de comunicações possuem a sua ideologia, convicções políticas e filosóficas, que influenciam a produção da notícia. Analisar os noticiários estampados nas páginas do Jornal A TARDE sobre Virgolino Ferreira da Silva e seu grupo, pode nos demonstrar o posicionamento desse veículo de informação a respeito do cangaço e das ações desse cangaceiro, assim como pode evidenciar quais foram as representações sobre os cangaceiros e cangaceiras que circularam nas páginas durante o auge do cangaço, no tempo que Virgolino Ferreira liderava seu grupo de bandidos.

Examinando as fontes, podemos perceber que o jornal fez publicar a sua opinião em relação às façanhas dos cangaceiros. Além de não concordar com as investidas dos bandoleiros, o jornal baiano procurou denunciar as supostas ligações que teria o bandido Lampião com pessoas de posse do nordeste. Segundo o Jornal, Lampião teria relações com os chefes políticos, que estariam fornecendo proteção ao bandido. “Protegido e estipendiado de mandões políticos dessas terras desventuradas, Lampeão tem conseguido até hoje escapar à acção da justiça, roubando e matando na chefia suprema dum bando de transviados”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 23 Jan. 1926)

Outra publicação mostra o jornal A TARDE denunciando os estreitos laços de Lampião com governantes, responsabilizando o governo do Ceará por oferecer guarida e proteção ao cangaceiro. “Lampeão, aossado em todos os pontos do norte, encontra asylo no Ceará, e ahi recebe munições, refaz suas moutadas e faz do Ceará a sua base de operações, annullando, assim, o combate conjugado dos outros Estados”. (A TARDE, Salvador, p.03, 17 Jun. 1927)

Conforme destacou Marques e Villela (1999, p. 127),

A vida intensa de guerra de Lampião trouxe-lhe um poder assinalável. Tê-lo como aliado significava entre outras coisas não tê-lo como inimigo e só isso era razão suficiente para se procurar ter bom trânsito com cangaceiros que não mostrariam maior hesitação ou piedade em incendiar propriedades, armazéns, saquear os bens que podiam carregar e destruir os que não podiam.

Nesse sentido, a suposta ligação entre Lampião e chefes políticos deve ter ocorrido, em virtude que muitos coronéis preferiam manter essa relação de amizade, pois estaria garantido que não iria ter prejuízos com saques e nem destruição dos seus pertences pelos cangaceiros e nem sofrer qualquer tipo de risco de vida. Além disso, a relação de cumplicidade entre os chefes políticos com os cangaceiros poderia também servir como uma

proteção em relação às rixas e conflitos locais com inimigos.

Analisando essas transcrições podemos perceber que o jornal Baiano utilizou de seu poder, que se legitima na produção e disseminação da notícia, para criar uma explicação, a fim de justificar as escapatórias do bandoleiro Lampião e de seu grupo da ação da justiça, mas também de apontar mandões políticos e o estado do Ceará como protetores dos cangaceiros. No entanto, tais acusações são apenas veiculadas e repassadas ao leitor, sem demonstrar qualquer indício de veracidade.

Conforme Bordieau apontou, a mídia é capaz de criar uma realidade, de transformar a visão de mundo das pessoas e de constituir um sentido para o mundo. Assim, percebemos que o jornal se apropriou desse poder, fazendo publicar a notícia que Lampião tinha relações com políticos poderosos e destes recebia proteção. De fato, o jornal tenta justificar os fracassos dos combates em decorrência dessas proteções.

A captura do bandido Lampião pelas forças policiais e o fim do cangaço eram assuntos que também circulavam nas páginas do jornal A TARDE. Numa publicação de 1926, o jornal baiano noticia a perseguição das forças dos estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco na tentativa de capturar o bandoleiro Lampião. No entanto, o referido jornal evidencia a sua opinião sobre a perseguição, demonstrando confiança na captura ao bandido e a sua consequente prisão. “Agora, porém, é de crer tenham chegado os seus últimos dias de liberdade, tal a tenacidade e actividade com que vem sendo perseguido”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 23 Jan. 1926)

Em nota publicada no dia 17 de Junho de 1927, A TARDE reproduziu a notícia trazida pelo seu Serviço Especial, veiculada em Recife no dia quinze, intitulada “O Terror dos sertões Nordeste: Fracassado o ataque a Mossoró, Lampeão retira-se para o Ceará”. Nessa publicação é destacado o esforço dos estados de Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte, para combater Lampião e seu grupo. A força conjunta tinha como comandante o Governador da Paraíba. O jornal afirma ainda que o bando teve um saldo de três bandidos mortos e alguns feridos, a exemplo de Jararaca, preso nessa oportunidade.

As tropas policiais de Alagoas e Pernambuco, na perseguição de Lampião e seus cangaceiros, fizeram com que o bandoleiro, após um bom tempo escondido na caatinga, tomasse rumo ao estado da Bahia. A primeira aparição que se tem notícia de Virgolino Ferreira da Silva e seus comparsas na Bahia ocorreu próxima à cachoeira da cidade de Paulo Afonso, devidamente publicada por A TARDE, nos seguintes termos:

Após 3 mezes de ausencia, refugiado nos sertões de Alagoas, reapareceu, na



fazenda Gravatá, distante 4 léguas da cachoeira de Paulo Afonso, e sendo incontinenti perseguido pelas forças policiaes de Alagoas e Pernambuco, o grupo de Lampeão, que atravessou a fronteira de Pernambuco, a poucas leguas acima de Aracatú. (A TARDE, Salvador, p.03, 23 Ago. 1928)

Compulsando as informações contidas nessa edição, percebe-se que o grupo de bandidos sofreu algumas baixas, tendo poucos cabras acompanhado Virgolino para a Bahia e que a força Pernambucana perseguia os bandidos. “O grupo está reduzido a 5 bandidos, que atravessaram o rio S. Francisco, rumando para a Bahia, seguindo em sua perseguição o tenente Queiroz e o sargento Peronillo, ambos da polícia Pernambucana”. (A TARDE, Salvador, p. 03, 23 Ago. 1928)

Os combates entre as forças policiais e os cangaceiros eram constantes nos noticiários do Jornal A TARDE, que destacava as façanhas dos bandidos e as dificuldades do cenário de luta. De certo modo, examinando tais publicações, podemos perceber que o Jornal procurou enaltecer os “atos heróicos” dos militares, que lutaram para exterminar os cangaceiros. No informe sobre o ataque oferecido pelas forças policiais contra os bandoleiros do sertão em Massaracá, foi exaltada a bravura de Miranda que para o jornal “se revestiu de um verdadeiro acto de heroísmo”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 31 Dez. 1928). João Joaquim de Miranda era o Sargento responsável pela tropa que lutou contra os cangaceiros em Massaracá, todavia foi alvejado por um tiro de Lampião, levando-o a óbito.

No entanto, embora tenha destacado a ação do Sargento Miranda, o jornal A TARDE apontou as razões cruciais para o insucesso de sua investida contra os cangaceiros, que frustrou a captura de Lampião e seu bando. “Se, porém, o sargento Miranda tivesse agido com a calma e a astúcia indispensáveis nessas ocasiões, talvez que a estas horas toda a Bahia tivesse sciencia da sensacional captura do cangaceiro e do seu bando”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 31 Dez. 1928)

Sabe-se que nenhum meio de comunicação reproduz suas notícias com neutralidade. Isso não foi diferente com o Jornal A TARDE que nas produções de suas reportagens sobre os cangaceiros (as) mostrou-se inteiramente parcial aos fatos noticiados. O seu posicionamento, interesses e anseios estiveram presentes nesses noticiários. É nesse contexto que Faria sinaliza a ausência de neutralidade nos textos jornalísticos, por isso afirma que “para o leitor é importante não só aprofundar o domínio da língua, para desenvolver-lhes o espírito crítico e preveni-los sobre as ilusões da neutralidade e objetividade do texto jornalístico. (FARIA, 2002, p. 47)

Numa das publicações do jornal baiano, observa-se palavras de estímulo, para que as

forças policiais da Bahia pudessem colocar as mãos nos bandidos, uma vez que as suas ações nas regiões nordestinas estariam intranquilizando os sertanejos. Vamos observar as entrelinhas de A TARDE, transcrita abaixo:

Mesmo assim, a força da polícia bahiana que se encontra em perseguição ao bandido, não deve esmorecer. Pelo contrário. Deve marchar para a frente, sempre para a frente até deter nas suas malhas o bando sinistro, que ha annos vem infelicitando os sertões nordestinos. (A TARDE, Salvador, p. 02, 31 Dez. 1928)

Percebe-se que há um jogo de interesse do jornal, contido em suas reportagens sobre Lampião e seus cangaceiros. Existe um desejo que é a captura dos bandoleiros e que as perseguições das forças policiais lograssem êxito, para por logo fim nos cangaceiros. Tais anseios, em determinado momento, foram frustrados e noticiados com tom de insatisfação pelo jornal, face à fuga dos cangaceiros e o insucesso de suas capturas. Vejamos como o jornal publica a notícia de mais uma fuga do cangaceiro das forças policiais: “El assim, mais uma vez, ‘Lampeão’ livrou-se das garras da polícia bahiana, que certamente um dia lhe ha de preparar um mau bocado”. (A TARDE, Salvador, p.02, 31 Dez. 1928)

No que diz respeito às perseguições da polícia contra os bandidos, a ideia disseminada por A TARDE é a de que as forças policiais estavam organizadas, afirmando que por onde Virgolino Ferreira passasse, seria atacado, o que tornaria as façanhas dos cangaceiros infrutíferas, mesmo porque, segundo o jornal, o bandido temia um encontro direto com as tropas da polícia.

Em alguns casos, no intuito de noticiar os acontecimentos que envolviam as ações de Virgolino Ferreira da Silva e seu bando pelo interior da Bahia, A TARDE enviou representante jornalístico para averiguação *in loco* dos prejuízos, dos estragos, dos assassinatos, ouvindo testemunhas e curiosos. Citamos o caso de Itumirim que foi assaltada pelo grupo de cangaceiros de Lampião, tendo a estação da estrada de ferro e os aparelhos existentes queimados.

Alguns dias após esse acontecimento, dirigiram-se o engenheiro Pedro de Almeida (Chefe da fiscalização), Alípio Viana (Fiscal), João Campos (morador de Bonfim), representante do Jornal A TARDE e o titular da pasta de Segurança Pública, com o objetivo de inteirar-se dos fatos ocorridos.

É interessante notar que o episódio foi minuciosamente descrito pelo jornal A TARDE. Foi realizada uma perícia presidida pelo Tenente Casaes, com assistência dos engenheiros da estrada de ferro, Alípio Vianna e João Campos, pelo Dr. Madureira de Pinho e

o representante de A TARDE, tendo sido apurado um prejuízo de mais de seis contos de réis, sendo tudo lavrado a termo por um escrivão, assinado por testemunhas, abrindo-se em seguida, um inquérito contra Lampião e seus cangaceiros.

Em Itumirim, A TARDE entrevistou o rapaz João Pereira, de 18 anos de idade, a fim de esclarecer o acontecido na cidade. O jovem disse que foi obrigado pelo cangaceiro Lampião a jogar querosene na estação ferroviária e após lascar fogo. Ao fim da entrevista enfatizou que: “Temendo ser morto pelo bandido, tudo fizera sem uma palavra de protesto”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 09 Jul. 1929)

É possível ler nas páginas do referido jornal, notícias acerca das passagens de outros cangaceiros que espalhavam temor entre os sertanejos. Corisco, chefe de subgrupo de cangaceiro, por exemplo, ocupou espaço nas páginas de A TARDE, sendo evidenciadas as façanhas, roubos e assassinatos.

Chefiado pelo cangaceiro ‘Corisco’ apareceu no interior um grupo de oito bandidos e duas mulheres, que atacaram o povoado da ‘Ilha Grande’ na fronteira de Pernambuco: saquearam várias casas levando joias e dinheiro. Corisco, após o saque deu cem palmatoadas, além, de uma surra de chicote, no vaqueiro Clementino. (A TARDE, Salvador, p. 01, 05 Jan. 1934)

Em outra publicação podemos observar descrição de Corisco nas páginas do jornal baiano. “O corisco é o chefe do bando. Louro, muito moço, aparentando 22 anos de idade, é de uma coragem e de uma resistencia de espantar. Agil, atira e resguarda-se das balas dos seus inimigos.” (A TARDE, Salvador, p.01, 11 Jan. 1929)

Por sua vez, tais reportagens acabaram construindo qualificações e representando os cangaceiros como sujeitos “aterrorizadores” “perversos” e “bandidos”. Frise-se que o termo bandido era costumeiramente utilizado pelo jornal para se reportar aos cangaceiros. Sendo assim, a visão que o jornal A TARDE veiculou sobre os cangaceiros eram de sujeitos que roubavam, construindo qualificações pejorativas. Embora o jornal tenha falado que Corisco era “ágil”, “corajoso” e “resistente”, não deixou de representá-lo como um cangaceiro “grosseiro” e “violento”.

No que se refere à violência dos cangaceiros, Luiz Bernardo Pericás defende a ideia de que os cangaceiros eram violentos e que tiravam proveitos dessa característica para amedrontar às pessoas e manipulá-las. Por isso enfatizou que “Os bandidos, defendiam seus interesses pessoais por meio da violência”. (PERICÁS, 2010, p. 39)

O jornal não se restringiu a narrar os fatos que envolviam os cangaceiros, pois na produção de suas notícias sobre o banditismo, abriu espaço para pessoas que testemunharam

as ações e passagem dos cangaceiros pudessem deixar suas impressões no noticiário do jornal Baiano. Em uma de suas reportagens, o Jornal A TARDE entrevistou a professora Anna de Almeida Caldas de Araújo, que conheceu pessoalmente Virgolino Ferreira e seu grupo de cangaceiros na escola que trabalhou, oportunidade que os bandidos estiveram em Itumirim e falou para o jornal a sua impressão sobre o bandido da seguinte forma: “[...] o bandido, afirma, tem a cara quasi preta, de mau aspecto, que aterroriza, cabelo ruim, usando um chapéu pequeno”.(A TARDE, Salvador, p.01, 08 Ago. 1929)

O jornal A TARDE procurava se inteirar das últimas informações sobre os cangaceiros, tendo em vista ser um tema que chamava a atenção e a curiosidade dos leitores. No ano de 1929, em 17 de Abril, divulgou a passagem de Lampião e seus comparsas em Sergipe, notícia fornecida por um comunicado da Agência Brasileira em Aracajú. O título da reportagem “A passagem de Lampeão em Sergipe: O bandido zomba da polícia, avisando-a da sua chegada” apresentou uma entrevista concedida pelo suplente do juiz municipal Alexandre Barreto da cidade de Carira, que informou o seguinte:

Mais ou menos 5 horas da tarde, de hontem, dava entrada no povoado, Lampeão e sua cabroeira. Antes de entrar, do cemiterio, elle escreveu um bilhete ao delegado Felismino Dionysio, pedindo licença para entrar. Antes, porém, que o delegado desse qualquer resposta, elle entrou desmontando-se com os compenheiros na casa do referido delegado, onde se hospedaram. (A TARDE, Salvador, p. 03, 17 Abr. 1929)

Curioso observar o modo como o povo reagiu ao assalto do famoso cangaceiro, segundo informa o juiz municipal. Notamos que o povo de Carira, através das informações veiculadas por A TARDE, não demonstrou frustração, temor, rancor e pavor dos cangaceiros. Vejamos a entrevista. “O povo correu? Não senhor. Ninguém correu. O povo em geral foi ver Lampeão e o acompanhava em romaria para todo local que elle se dirigia.” (A TARDE, Salvador, p. 03, 17 Abr. 1929).

O contato inicial dos sertanejos com os cangaceiros impressionou a vida daqueles que tiveram oportunidade de registrar em sua memória a imagem dos bandoleiros. Como observou Mello (1985, p.40) “o primeiro encontro dos sertanejos com os cangaceiros marcou indelevelmente a memória deles, seja pelo medo e pavor, seja pelo impacto estético do traje do cangaceiro.” Assim, da forma que foi noticiada pelo jornal que o povo de Carira acompanhou o bandoleiro Lampião para todo o local, ilustra muito bem o impressionismo e a curiosidade dos sertanejos sobre os cangaceiros.

Observe-se que Virgolino, na sua visita em Sergipe adotou um de seus costumes que

era de enviar bilhete, informando sua entrada ao delegado no povoado. O cangaceiro usava esse meio de enviar recados\bilhetes para requerer quantias em dinheiro, comida, animais para fugas, abrigo, ameaçar pessoas e etc.

O ato de enviar bilhetes\recados não era uma prática exclusiva de Lampião, visto que outros cangaceiros também usavam tal artifício, como é o caso de Corisco. Esse cangaceiro pretendia entrar na villa do Cumbé - Atual Euclides da Cunha -, e escreveu um bilhete que, segundo Jornal A TARDE na reportagem intitulada “Arrotando Valentia: Corisco desafiou um sargento baiano para brigar”, seria para o comandante do destacamento local, conforme veremos abaixo:

Fazenda Junco, no dia 4 de Outubro de 1929. Sargento Narciso, eu estou perto de vossé, si quizé brigá apois eu estou lhe isperando para u encontro se vosse não vim eu lhe apresso quando vosse não isperá apois meu fuzi atrai sargento de policia baiana já lhe vi na catinga e vosse tem sido feliz eu agora, estou por aqui com meus rapaz logo eu vou por aí apois estou lhe esperado lampião tambeim qué brincá com vosse tambeim adeus até u encontro do tenente Cristino Gomes da Silva vulgo Curisco. (A TARDE, Salvador, p.03, 16 Out. 1929)

Vale destacar que esse meio de enviar bilhetes funcionou para os cangaceiros como uma arma poderosa, porque estava baseada na fama e pavor que os bandidos imprimiam para a sociedade, assim como as consequências que poderiam ocorrer com a negativa dos pedidos exigidos. Devemos ainda lembrar que o envio de bilhetes não significava risco de vida aos bandidos, uma vez que os coiteiros era quem realizavam tal tarefa, pois seria mais arriscado se algum cangaceiro ficasse encarregado de entregar tais “correspondências”, além disso, era uma prática de extorsão que não gastava balas, tornando-se mais barato aos bandidos conseguir quantias, comida e armas, por meio de um recado escrito.

Percebemos que o jornal A Tarde com o objetivo de se inteirar e informar sobre as últimas façanhas dos cangaceiros nos locais que passavam e deslocou jornalistas para colher informações sobre os fatos, para que pudessem ser publicadas, mas também entrevistou testemunhas que presenciaram esses acontecimentos. Contudo, devemos apontar que na construção desse tipo de noticiário, foi veiculada apenas uma versão dos fatos, que era tida como a oficial. De fato, o jornal A TARDE funcionou como um espaço informativo que apenas noticiou a versão anticangaceira, pois não era de seu interesse procurar veicular a versão dos cangaceiros. Sendo assim, demonstrou total apoio às forças policiais para a captura dos bandoleiros (as).

A Bahia, por meio do secretário de polícia Madureira de Pinho, foi o primeiro estado

Nordestino a relacionar os crimes de Lampião espalhados pelo interior. O objetivo era o de facilitar, conforme destacou “o julgamento sensacional”, se por acaso, fosse efetuada a prisão do cangaceiro. É nesse sentido que foi enviada para Jaguarary o legista Anísio Teixeira, para realizar a exumação dos corpos dos soldados mortos em combate, no intuito de compor provas para o processo contra Lampião.

Anísio Teixeira, que procedeu a exumação dos corpos dos soldados José Rodrigues, Manoel Nascimento Souza e do Bandido “Mergulhão”, concedeu entrevista em primeira mão para o Jornal A TARDE, explicou como aconteceu o encontro do contingente da polícia baiana com os cabras de Lampião no povoado de Abóboras, próximo a Jaguarary, assim como informou o local onde os bandidos foram surpreendidos pela polícia. “Numa casa de alpendre, defronte ao cemitério, Lampião e mais 4 caibras dançavam com as mocinhas da localidade”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 17 Jan. 1929)

Além disso, é importante destacar a visão que o legista descreveu para o jornal A TARDE sobre a luta de Abóboras entre cangaceiros e policiais. As tropas, na visão do legista, “avançava corajosamente” e “heroicamente”. Prosseguindo, destaca a ação do Tenente Odhonel, acompanhado de seus soldados que “resistiram com uma ‘agilidade admirável’”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 17 Jan. 1929). Anísio Teixeira deixou claro nessa reportagem que o pequeno contingente da polícia baiana, embora desprotegido, face às dificuldades apresentadas, lutou contra o bando de cangaceiros com destemor.

Na verdade, não foi apenas o legista Anísio Teixeira que exaltou a ação das forças policiais. O próprio jornal A TARDE enalteceu o papel da polícia, demonstrando total apoio na busca aos cangaceiros. Conforme apontamos, o governo do estado da Bahia estava tomando providências, colhendo provas para formalizar o devido processo contra Lampião. Nesse sentido, seria mais que evidente que o jornal A TARDE iria apoiar o governo nessa luta, assim como veicular apenas a versão conveniente.

Percebe-se, que a opção de A TARDE caracterizou-se como uma estratégia política, evidenciado no seu apoio ao governo estadual na luta contra o cangaço. Isso corrobora com a idéia que estamos tratando de uma análise jornalística, que construiu um tipo de discurso sobre o fenômeno cangaço, mas que necessariamente não foi o que realmente aconteceu.

A esse respeito, Foucault (2004, p.10) enfatizou que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” À luz da idéia de Foucault, temos a convicção de que o discurso jornalístico do jornal A TARDE funcionou como uma arma com a qual o governo

estadual contava para disseminar a sua luta contra o cangaço.

Sobre a chegada do grupo de cangaceiros no arraial de Mirandela, o jornal A TARDE falou da resistência do destacamento local, composto por seis praças, que repeliu o grupo de Lampião com balas, obrigando os bandidos a permanecerem distantes do arraial por mais de duas horas. Para o jornal “o destacamento soube cumprir o seu dever” e “resistiram bravamente”, apesar do grupo de cangaceiro ter conseguido adentrar no arraial, ter incendiado casas, saqueado o comércio e causado um prejuízo aos moradores de aproximadamente quarenta contos. Nessa luta morreram dois civis e o bandido “ponto fino”, irmão de Lampião. (A TARDE, Salvador, p. 01, 08 Jan. 1930)

A todo o momento A TARDE procurou passar informações minuciosas acerca das emboscadas feitas pela polícia contra o grupo de cangaceiros. Além disso, colheu declarações de policiais feridos e publicou aos seus leitores, a fim de que estes se informassem dos últimos acontecimentos. O jornal descreveu para seus leitores o local dos combates, sendo que em alguns editoriais construiu mapas para mostrar onde aconteciam as lutas.

O Governo do Estado da Bahia nos anos 30 começou a tomar providências enérgicas para dar fim ao cangaço. Uma das providências tomadas foi oferecer um prêmio de 50 contos de réis a quem conseguisse capturar Lampião (Ver anexo A). A fim de concretizar a captura, o estado baiano publicou centenas de impressos de cartazes, que foram distribuídos em todo o território baiano, sendo tal informação disseminada também na primeira página do jornal A TARDE da edição de 12 de setembro de 1930.

Em meados dos anos 30, os cangaceiros continuaram sendo motivo de atenção da imprensa. Há apenas uma preocupação para o jornal: “combater o cangaço”. Essa preocupação era a mesma do governo da Bahia para capturar os cangaceiros. Sendo assim, jornal baiano alertou em seus escritos que a opinião pública aguardava o fim dos facínoras. As críticas aos cangaceiros começam a aumentar, pois Lampião não só foi acusado pelos crimes praticados, como também de fugir dos combates e de ser traiçoeiro. Propaga-se a visão de um Lampião criminoso e de medroso.

Uma das entrevistas fornecida pelo Coronel Terencio Dourado, que concedeu informações de como ocorria a distribuição das forças em perseguição dos cangaceiros no nordeste, apresentou um tom de crítica e desafio, passando a ideia que Lampião seria covarde/medroso, pois não aceitava combate. Vamos analisar a entrevista abaixo transcrita:

Se o bandido Lampeão aceitasse combate, enfrentasse as forças que o perseguem, esse caso do Nordeste já estaria resolvido com a prisão ou morte desse scelerado,

mas o que em realidade se verifica é que o bandido não se defronta com a força pública, foge dos ataques mesmo quando se há emboscado. (A TARDE, Salvador, p. 02, 08 Ago. 1930)

Como registrou Antônio Fernando de Araújo Sá a história do cangaço ainda continua sendo um campo de confrontos que envolvem os diferentes sujeitos envolvidos, com seus interesses e memórias distintas. “Terreno privilegiado do imaginário social, o cangaço aparece nas entrevistas como um leque de representações a partir do desdobramento de um mesmo símbolo, revelando a disputa mnemônica entre a ‘memória volante’ e a ‘memória cangaceira’”. (SÁ, 2009, p. 139).

Como um veículo de comunicação, o jornal procurou inculcar nas mentes de seus leitores, o modo como os nordestinos deveriam receber Virgolino Ferreira e seus comparsas. Vejamos o conselho que A TARDE escreveu: “Os bandidos não são invulneráveis. Se forem sempre recebidos a bala, acabam desertando como aconteceu em Pernambuco, onde nunca mais puzeram os pés” (A TARDE, Salvador, p. 01, 03 Jan. 1930).

Percebemos assim, que além de veicular informação, o jornal baiano tinha também a intenção de inculcar nas mentes de seus leitores que os cangaceiros deveriam ser recebidos de forma bruta, à base de tiro, que sendo tomada tal iniciativa os bandidos nunca mais voltariam àquele local.

O jornal baiano também noticiou a iniciativa da Perfumaria Lopes do Rio de Janeiro que instituiu um prêmio para aquele que conseguisse, individualmente, ou coletivamente pegar Lampião até 15 de novembro de 1931. O prêmio era de cinquenta contos, e seria pago no estado Carioca. Percebe-se que o jornal ao publicar tal noticiário quis passar a idéia de que o desejo para que o cangaço tivesse um fim imediato ampliava-se para outros estados.

É oportuno falar também que o Governo Federal se mobilizou para exterminar o cangaço. Por isso, forneceu todos os meios indispensáveis para por fim ao banditismo. Em outubro de 1931 foi publicada pelo jornal baiano a notícia da disponibilização de quatrocentos contos, verba esta enviada pelo Governo Federal para custear os gastos na luta contra o cangaço e Lampião.

Diante dos diversos pedidos de socorro, face às investidas dos cangaceiros pelo sertão nordestino, levando à morte centenas de soldados e sertanejos, restou ao governo lutar para que o cangaço fosse exterminado. Na verdade, com o fim do cangaço a imagem do governo perante a opinião pública e a mídia seria exaltada.

No início dos anos de 1930 começa a ser fechado o cerco contra o banditismo no sertão Nordeste, que é considerado uma calamidade pública. Ações enérgicas propondo



ofensivas, sem tréguas, foram organizadas contra os cangaceiros. O interventor Federal na Bahia, o Tenente Juracy Magalhães, no final de 1931, falou para A TARDE sobre os planos, objetivos e desafios para exterminar Lampião e seus sequazes.

O interventor cita o oferecimento de contingente policial dos estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe para se unir com as forças baianas. E ainda do empenho do governo central na luta contra o cangaço. A fala do Interventor Federal da Bahia revela bem a intenção na luta contra os bandidos, pois afirma que “A Bahia tem no livro de ouro de sua historia uma pagina negra que precisa ser rasgada: o banditismo no sertão”. (A TARDE, Salvador, p. 03, 26 Out. 1931)

No entanto, o jornal se coloca como um aliado dos governos dos estados Nordestinos, que estavam movendo forças para capturar Lampião e julgá-lo, conforme determinava a legislação vigente. Desse modo, fez publicar alguns avisos que aconselhavam as pessoas, caso fossem vítimas das atrocidades de Lampião, para que tomassem providências, dirigindo-se à delegacia para realizar exame de corpo de delito, com a intenção de formalizar a denúncia, instaurando-se processo crime contra o bandido, o que facilitaria a punição legal.

Alguns impressos publicados por A TARDE compunham notícias trazidas dos representantes especiais do Rio de Janeiro, aparecendo também visão, opinião e posicionamento desses repórteres. Numa publicação do ano de 1931, por exemplo, percebemos uma visão inteiramente incisiva. “O maior problema policial do Brasil – na velha e na nova República – é Lampeão” (A TARDE, Salvador, p. 01, 02 maio. 1931) No entanto, o tom de acusação contra Lampião e seus cangaceiros não eliminou as críticas dirigidas ao papel do exército na luta contra o cangaço.

O que não está certo é esta desigualdade, de um lado um exército invisível, em eternos preparativos de marcha, do outro um grupo de criminosos cuja audácia atinge á loucura, e as populações civis de permeio, como bigorna obrigatória de todos os malhos. Decididamente, Lampeão precisa acabar. (A TARDE, Salvador, p. 1, 2 Maio. 1931).

As atrocidades praticadas pelos cangaceiros no Nordeste causaram indignações, curiosidade e pavor geral na sociedade da época, chegando a ser comentado na capital da República. A Imprensa carioca também procurou cobrir reportagem sobre as investidas dos grupos de bandidos pelo sertão. Em 1931, *A Noite*, um popular jornal carioca, enviou um representante para o nordeste da Bahia, para visitar os locais em que Lampião e seus cabras estiveram no intuito de colher narrativas daqueles que testemunharam as barbaridades do

grupo de bandidos.

O Jornal A TARDE publicou as correspondências enviadas para o Rio de Janeiro, produzidos pelo correspondente de *A Noite*. A ideia que esse repórter expôs em suas reportagens foi a de que Lampião espalhava o pavor e que tinha ligações com o diabo, face aos transtornos que criava por onde passava.

Vejamos a reprodução da primeira publicação feita pelo Jornal *A Noite* do Rio de Janeiro:

Dizem, á boca pequena, que ‘Lampeão’ se entende diretamente com Belzebth. Que é seu emissário na terra. E é bem provável, porque ele consegue transformar em verdadeiro inferno todas as paragens, por onde passa a sua horda sinistra. (Reproduzido por A TARDE, Salvador, p. 02, 22 Maio. 1931)

Ao longo de duas décadas que Lampião agiu como cangaceiro, a especificidade dos seus atos o diferenciou em relação aos demais cangaceiros que o antecederam. Como apontou Ana Claudia Duarte Rocha Marques e Jorge Luiz Villela, o medo que era espalhado sobre o bandido, a extensão dos crimes praticados, a multiplicação dos alvos e os roubos praticados tornaram os cangaceiros temidos.

As notícias de sua aproximação de uma região, ainda que fossem boatos infundados, moviam famílias inteiras de suas casas, apressadas em esconder, enterrando por exemplo, seus pertences mais valiosos e acampando em algum matagal aparentemente mais protegido de um eventual ataque. (MARQUES;VILLELA, 1999, p.126)

O jornal A TARDE também serviu como espaço de defesa para polícia baiana. Jornais impressos de outros estados, a exemplo do Rio de Janeiro, acusaram as forças da Bahia como os maiores responsáveis pela expansão do banditismo no Nordeste. Discordando dessa posição, A TARDE se coloca do lado dos policiais da Bahia, defendendo-os abertamente, mostrando as inúmeras tentativas feitas por eles para capturar os cangaceiros, conforme veremos a seguir:

A polícia baiana tem sido atacada pelos jornais da corte que a responsabilizaram – pobre polícia e pobres jornais – pela expansão do banditismo e pela tragédia do Nordeste. Não há ataque mais injusto nem increpação menos merecida. Se alguma polícia é culpada das tropelias de algum bandido, essa não é a da Bahia. Até agora foi a que mais lutou, a braços com o facínora e o seu bando desde 1928, ora o desencovando nos seus esconderijos, ora se defendendo dele ou lhe sofrendo a crueldade nas surpresas da catinga. (A TARDE, Salvador, p. 01, 05 Jun. 1931)

Verificando detidamente as entrelinhas das notícias feitas pelo Jornal Baiano, percebe-

se que Virgolino Ferreira e seus cangaceiros foram representados socialmente, tendo o referido jornal procurado firmar um discurso a respeito desses bandoleiros que foram vistos como uma “maldita quadrilha”. O líder de cangaceiro é qualificado em algumas ocasiões como sendo “um selvagem”, “temido salteador”, “bestial”, “canalha”, “bandido”, “covarde”, “o pesadelo dos sertões nordestinos que sai semeando a morte e a desolação”. A posição do jornal sobre Lampião é bem clara. O temível cangaceiro, na opinião do jornal é um sujeito “sinistro”, “assassino”, “miserável”, “fuzilador”, “besta fera” e etc. Por outro lado, outros cangaceiros também ganham adjetivos, a exemplo de Corisco que figurou nas páginas como “um assassino” e “covarde”.

A notícia da passagem do bandido Lampião na cidade de Queimadas causou muito impacto e pavor, face às ações e transtornos ocasionados pelos bandoleiros, que nessa oportunidade, conforme apontou o jornal “levaram 20 contos de reis e deixaram sete cadáveres”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 24 Dez. 1929)

Segundo conta a tradição oral local sobre o episódio, a vila de Queimadas foi cercada por mais ou menos 17 comparsas de Virgolino, a cadeia pública serviu de prisão aos policiais do destacamento e os presos passaram a guardar o quartel da polícia, o comércio foi saqueado, sete policiais foram assassinados, sendo salvo apenas o sargento Evaristo. No calor dos acontecimentos, vejamos o modo que A TARDE retratou o fatídico assassinato dos policiais em Queimadas:

Enquanto isso, os caibras saqueavam o comércio, tendo se apoderado da importância de 20 contos de reis. Às 6 horas da tarde, resolveram fuzilar o destacamento e o fizeram fria e covardemente a porta da cadeia. Das oito praças, escapou apenas o sargento Evaristo, com uma concessão do bandido aos reiterados pedidos dos presentes. Em seguida, o grupo sinistro mandou abrir o cinema, sendo passado um filme e assistido até o fim. Houve depois “baile” isto é sapateado e cachaçadas. (A TARDE, Salvador, p. 01, 24 dez. 1929)

No que se refere aos saques praticados por Lampião e seu grupo de cangaceiros, Luiz Bernardo Pericás acredita que os cangaceiros tiravam o proveito dos roubos e saques, que conseqüentemente passou a ser um meio de ganhar a vida. Segundo afirma, o bandoleiro agia com o intuito de ganhar e obter vantagens em suas investidas. Para Mello (1985, p. 25) “Lampião e seus homens mais eminentes arrecadaram ao longo de anos riquezas invejáveis, suficientes inclusive para que alguns deles tenham-se entregado a atividades de agiotagem junto a coronéis, como foi o caso de José Baiano e de Lampião.”

Em diversas páginas publicadas por A TARDE sobre as ações de Lampião, percebemos um tom de acusação contra o líder de cangaceiro e seu grupo. Para o jornal,

Virgolino era detentor de um “espírito diabólico”, citando inclusive um acontecimento envolvendo os cangaceiros que evidenciava a falta de compaixão e molaridades destes. “Tendo assaltado uma casa na qual se celebrava um casamento, obrigou os noivos a dançarem despidos, completamente despidos em sua presença e sob as risolas e os dictos canalhas delle e de seus asseclas”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 06 Jul. 1929)

Nessa edição do dia 06 de julho de 1929, o jornal publicou o artigo de Leonardo Motta, sobre o suposto lado “religioso” de Virgolino Ferreira. Fala que o líder de cangaceiro era um homem de credices, que usava patuás e medalhas de Padre Cícero e que acreditava, fortemente, na oração rezada ao meio-dia. Conforme destacou, Lampião depositava tanta fé nessas orações que “mesmo no mais renhido tiroteio, abandona por instantes o fuzil e suplica a não sei que santos ou diabos continuem a conservar o corpo fechado.” (A TARDE, Salvador, p. 01, 06 Jul. 1929).

No livro de memória de Sila, ex-cangaceira da época de Lampião, foi retratado um Lampião que acreditava nas rezas de Nossa Senhora. Conforme disse a ex-cangaceira que viu “um homem religioso, que duas vezes por dia, de manhã e à tarde, se a ocasião o permitisse, rezava o Ofício de Nossa Senhora” (SOUZA, 1997, p.11-12).

No entanto, abordando a relação da fé religiosa de Lampião, Billy J. Chandler (1986, p. 232-234) enfatizou que “suas práticas religiosas estavam vinculadas à manipulação das forças sobrenaturais para a sua própria proteção.” Dessa forma, a partir da idéia desse autor, entende-se que a fé religiosa do bandoleiro Lampião estaria relacionada à sua proteção pessoal e de seu grupo nas lutas armadas com as forças militares.

Nesse artigo de Leonardo Motta foram denunciados os crimes de Lampião e seus cabras, praticados nas regiões nordestinas. Assassinato, roubo, estupro, incêndio de lares e acusação de mortes de jovens e idosos são o rol de arbitrariedades apontadas por ele como sendo de autoria de Virgolino Ferreira. Demonstrou ainda total indignação, repudiando o clima de tensão vivido pelos sertanejos, em vista da ação de Lampião, desejando que os cangaceiros fossem exterminados, para que a vida dos nordestinos voltasse ao normal.

Quando será que a indefesa e pacata gente sertaneja se verá livre desse Diabo do Nordeste? Quando se fundirá a bala que o elimine, ou quando se lhe aplicarão os grilhões e algemas que o incapacitem para o crime? Ele anda, sertões a dentro, forçando mães a dançarem em redor de cadáveres dos filhos, obrigando viúvas a salgarem orelhas dos esposos, arrancando a punhal as unhas de suas vítimas ou introduzindo-lhes nos olhos, a coices de armas, cartuchos de rifle, reduzindo à miséria cidadãos laboriosos, incendiando lares, conspurcando virgindades, aviltando matronas, sangrando octogenários e crianças! (A TARDE, Salvador, p. 01, 06 Jul. 1929)

Para firmar um discurso dominante, os meios de comunicação atribuem determinadas qualificações e adjetivos aos sujeitos, a fim de construir-lhes um sentido. Nesse sentido, afirma Bourdieu (1998, p. 82),

[...] o insulto, assim como a nomeação, pertence à classe dos atos de instituição e de destituição mais ou menos fundados socialmente, através dos quais um indivíduo, agindo em seu próprio nome ou em nome de um grupo mais ou menos importante numérica ou socialmente, quer transmitir a alguém o significado de que ele possui uma dada qualidade, querendo ao mesmo tempo cobrar de seu interlocutor que se comporte em conformidade com a essência social que é assim atribuída.

Desse modo, podemos afirmar que o jornal A TARDE publicou reportagens sobre os cangaceiros, mas ao mesmo tempo procurou qualificá-los e representá-los socialmente, disseminando através de seus noticiários o seu ponto de vista sobre os mesmos, fazendo também com que os leitores compartilhassem de sua visão.

O jornal baiano também fez a cobertura de reportagens destacando a dificuldade nas disputas entre as forças policiais com os cangaceiros. Nesse caso o aspecto climático foi decisivo, uma vez que os soldados sentiam dificuldade, face ao calor extremo, clima que os cangaceiros conviviam naturalmente. Num trecho de uma reportagem, podemos perceber a dificuldade que os policiais enfrentavam na busca dos cangaceiros. “Fatigados, estropiados, em meio do caminho foram desligados 7 homens. Não aguentavam mais. Ficaram descansando, enquanto os outros avançavam”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 11 Jan. 1929)

As notícias envolvendo as façanhas dos cangaceiros estavam na mira do Jornal A TARDE. Houve ocasiões em que a foto de Lampião era estampada o lado da notícia, não só para informar acerca da passagem dos cangaceiros no interior do Nordeste, como também para provocar o impacto visual, que por consequência provocaria a curiosidade nos leitores. Além disso, o uso da fotografia de Lampião demonstrou ser um artifício do jornal para fazer com que a sua visão e opinião fosse propagada por meio da legenda, que acompanhava a ilustração fotográfica.

Temos uma edição em que o jornal publicou a chegada de Lampião e de seu grupo em Patamuté, perto de Chorrochó, sendo colocada a fotografia do líder na página. Contudo, a visão do jornal é evidenciada na legenda da fotografia, que foi transcrita da seguinte forma: “É preciso acuar a fera humana, covarde e perversa, livrar o sertão desse pesadelo terrível”. (A TARDE, Salvador, p. 01, 21 Out. 1929)

### 3.2 As cangaceiras nas páginas do Jornal A TARDE

Até o momento não tínhamos abordado a presença das cangaceiras nas páginas do Jornal A TARDE, isso porque, somente encontramos reportagens sobre as mesmas no ano de 1933. A notícia que relata a presença feminina no grupo de Lampião, fala do assalto dos bandidos no arraial de Oliveira, município de Sento Sé. Vejamos o que publicou o Jornal sobre as cangaceiras: “O grupo assaltante compunha-se de 23 pessoas: Lampeão, 19 cabras e 3 mulheres – 3 verdadeiras megeras.” (A TARDE, Salvador, p. 02, 24 Jul. 1933)

Analisando a transcrição dessa reportagem, percebemos que o Jornal A TARDE fez publicar a participação das mulheres nos assaltos com os cangaceiros, deixando entender que as cangaceiras também praticavam façanhas. Percebe-se ainda a indignação do Jornal em publicar a participação feminina nesses roubos, pois fez questão de frisar que as três cangaceiras que faziam parte do referido assalto eram “verdadeiras megeras”, ou seja, pessoas cruéis, uma qualificação construída pelo jornal.

Devemos considerar que a mulher cangaceira destoava da imagem de passividade e afeição que era imposta pelo modelo de mulher ideal na visão da sociedade e a mídia impressa nessa época. O próprio olhar do jornal A Tarde sobre a mulher nesse período é muito revelador, pois nos ajuda a entender as concepções que esse jornal tinha sobre a imagem feminina e quais representações foram construídas a seu respeito.

Maria do Socorro Soares Ferreira propôs fazer um estudo sobre a visão que foi construída pelo jornal A Tarde no início do século XX sobre o mundo feminino. Segundo a autora, a mulher nesse momento é vista pelo jornal baiano como um instrumento para atrair o olhar do homem, não podendo assumir de imediato o mercado de trabalho e participar ativamente da vida pública, devendo apenas exercer o seu papel de dona de casa e mãe dedicada. “Enquanto destacava-se a beleza e meiguice das recatadas senhorinhas, comentava-se com estranheza a possibilidade de inserção das mulheres no mercado de trabalho.” (FERREIRA, 2002, p. 76)

Os meios de comunicação, a família a escola e diversos setores da sociedade procuravam firmar um discurso para que a mulher ocupasse um determinado espaço que era a organização do lar. Dessa forma, consoante com as ideias sobre a imagem feminina, o jornal tinha que desprezar as façanhas das cangaceiras, demonstrando total aversão às mesmas, isso porque essas mulheres nordestinas não representavam esse padrão de mulher “dona de casa” e “boa mãe”. De fato, elas significavam o oposto de todo discurso firmado sobre a mulher nesse período.

Em outra publicação, vê-se a participação de mulheres em conjunto com outros comparsas, agora nas regiões de Monte Alegre a Mundo Novo. “[...] o bandido ‘Azulão’, com cinco caibras e mulheres, forma o grupo volante que ameaça as fazendas compreendidas na zona de Monte Alegre a Mundo Novo [...]” (A TARDE, Salvador, p. 03, 09 Out. 1933)

Uma das publicações que mais causa curiosidade, sem sombra de dúvida, é um editorial que noticia as ações dos cangaceiros do grupo de Arvoredo. Contudo, o fato curioso foi a reprodução feita pelo Jornal A TARDE de uma carta de autoria de Emygdio, integrante do grupo de Arvoredo, enviada para o Sargento da localidade de Jurema. Essa carta foi entregue ao Sargento do destacamento pelos portadores José Canario e sua esposa, sendo entregue também uma criança de Emygdio Ribeiro da Silva e Veronica Maria de Jesus. Vejamos a reprodução da carta:

Levo ao conhecimento do local de Jurema, que envio esta criança para o sargento ou mesmo que seja cabo da guarda, comandante deste destacamento. Quero que a crie com toda estima, filha legitima de Veronica Maria de Jesus e Emygdio Ribeiro da Silva, nascida em quatro de Abril e não quero ver abuso com esta pobre criança, que ella não é culpada. Nada mais do Sr-Emygdio Ribeiro da Silva, e aceite lembranças de Arvoredo Cordeiro de Moraes, tudo que promete faz. – Subscripto no envelope. Aviso ao local de Jurema. (Reproduzido por A TARDE, Salvador, p. 02, 20 Abr. 1934)

Na leitura dessa carta, podemos perceber que os cangaceiros não arriscavam deixar seus filhos recém-nascidos vivendo no meio da caatinga e correndo o risco que a vida do banditismo oferecia. Sendo assim, preferiam enviar seus filhos para que fossem criados por pessoas que garantisse uma boa criação aos menores. Na leitura da carta percebe-se a atitude do cangaceiro em fazer questão de dizer quem era o pai e a mãe da criança, notadamente, um desejo de que posteriormente o filho soubesse quem foram os seus verdadeiros pais.

Observamos ainda a preocupação que o cangaceiro teve com a criança, pois pede que não seja abusada, uma vez que não é culpada. De certo modo, podemos perceber ainda uma relação amistosa entre o líder de grupo Arvoredo com o Sargento, uma vez que o bandido manda lembranças para o soldado, deixando transparecer uma relação de amizade.

Portanto, essa publicação também sinaliza a intenção do jornal A TARDE denunciar as relações de amizade que os cangaceiros tinham com militares. Esse fato ajuda a pensar sobre a possibilidade do jornal querer evidenciar que apesar dos bandoleiros do sertão serem perseguidos, havia uma cumplicidade/amizade entre cangaceiros e alguns militares.

### 3.3 Cabeças fora do corpo: um troféu pela morte dos cangaceiros

A degola era uma prática de execução cruel que se reproduziu em diversos períodos da história da humanidade. Rafael Sêga nos fala que desde os anos de ocupação dos Árabes na península ibérica os Europeus conheceram a lâmina fria dos muçulmanos. No entanto, durante a reconquista, os cristãos, procurando se vingar dos horrores que sofriam, cortaram a cabeça de milhares de muçulmanos. Além disso, aborda que esse método foi transmitido para o Brasil, através dos Portugueses. Afirma que “no período colonial a degola era usada como forma de punição a criminosos e revoltosos.” (SEGA, 2004, p. 01)

Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), a degola foi utilizada pelas tropas Brasileiras em combate. Francisco Doratioto explica o início da Guerra do Paraguai, mostrando o conflito, através de um processo regional, relatando o cotidiano das tropas militares no cenário da guerra, reavaliando a atuação dos chefes militares e os atos de execução. Esse autor relata a execução de um Coronel Paraguaio chamado Caballero que foi degolado por ordem do Conde d’Eu: “atado de pés e mãos às rodas de dois canhões, em frente à igreja e diante de sua esposa, também prisioneira e esticado até ficar no ar. Nessa postura, foi intimado a declarar-se rendido e, ao não aceitar, foi açoitado e logo degolado” (DORATIOTO, p. 410-411, 2002)

Na Revolução Federalista (1893-1895) a característica mais marcante foi o uso da degola na guerra civil. Essa revolução aconteceu no Rio Grande do Sul e ficou conhecida como a Revolução da Degola, por ter sido extremamente bárbara. Calcula-se que durante a guerra mais de mil vítimas foram degoladas. Para Castro e Rezende Filho, a degola era utilizada por não exigir recursos e ser uma forma rápida e barata de execução, pois não era preciso usar arma de fogo para aniquilar o inimigo. Outra versão é discutida para justificar o uso da degola nessa guerra, senão vejamos:

Do ponto de vista militar e logístico a degola decorria da incapacidade das forças em combate de fazer prisioneiros, mantê-los encarcerados e alimentá-los, pois, ambas lutavam em situação de grande penúria. Procurava-se, pelo mesmo motivo, poupar munição, empregando um meio rápido de execução. (SÊGA, 2004, p. 02)

Na campanha de Canudos (1896-1897) a degola também foi usada para massacrar os conselheiristas. Alvim Martins Horcades era no período da guerra um dos líderes acadêmicos da Bahia. Prestou serviço profissional na área de Farmácia e Medicina na campanha contra Canudos e foi repórter do diário de notícia, cobrindo todo o acontecimento do cenário de



combate. Sobre os fuzilamentos, vejamos o que nos disse:

[...] Eu vi e assisti a sacrificar-se todos aqueles miseráveis, por que ali representava um jornal de minha terra e era preciso que lhe lésse certas minuciosidades para o esclarecimento do publico e também pelo espirito de curiosidade que me tirava da incerteza, para profligar convenientemente aqueles factos criminosos. E com sinceridade o digo: Em Canudos foram degolados quase todos os prisioneiros. (HORCADES, 1996, p. 102)

No período que o cangaço existia nos sertões Nordestinos, tanto do lado dos cangaceiros, quanto dos militares, o método da degola foi aplicada para simbolizar vitória e dominação. Lampião e Maria Bonita, juntamente com inúmeros cangaceiros tiveram as cabeças degoladas, permanecendo por um longo tempo expostas como troféus no Museu Nina Rodrigues na Cidade de Salvador. O sentido simbólico da exposição das cabeças de Maria Bonita e Lampião foi o de também exaltar a morte dos cangaceiros.

O banditismo do Nordeste reproduziu cenas sangrentas e horripilantes. Nesse sentido, passamos a análise de como o Jornal A TARDE publicou a morte dos cangaceiros no período final do cangaceirismo e de que forma a degola feita nos bandidos foram reproduzidas nas páginas desse jornal.

As mortes dos bandidos em combate foram noticiadas em tom de comemoração, procurando o jornal passar informações detalhadas, inclusive dando destaque de como se deu a luta, quantos tiros alvejaram o(s) cangaceiro(s), assim como descrevendo quais pertences dos bandidos foram entregues à polícia, apresentando algumas peças como valiosos *troféus dos cangaceiros*.

Uma dessas cenas descritas pelo jornal baiano como sendo “bárbara”, foi narrada pelo aspirante Braz Odorico da Silva, o qual falou da atitude de um bandido chamado “Esperança”, que resolveu sair do grupo de cangaceiros, para se entregar à polícia. Para tanto, a fim de dar prova de que deixaria o bando de verdade, decepou a cabeça de um companheiro de grupo conhecido por “Cocada”, entregando como troféu às autoridades. A fotografia da cabeça do bandido foi reproduzida pelo Jornal A TARDE com o seguinte título: “Troféu Sangrento: Para provar submissão, o bandido levou a cabeça do companheiro da véspera. cenas que depõem da civilização.” (A TARDE, Salvador, p. 02, 29 Mar. 1933) (Ver Anexo B)

Na edição de 21 de Outubro de 1933 o jornal narra a morte de quatro temíveis bandidos do grupo de Lampião, destacando que suas cabeças foram decepadas, o que causou o interesse dos populares que se dirigiram até o Nina Rodrigues para ver “os sangrentos troféus do combate de Lagoa do Lino”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 21 Out. 1933). Dessa

forma, o ato de decepar as cabeças dos bandoleiros e mostrá-las em público, teria um significado de troféu ou vitória na luta contra o banditismo.

Percebemos que nos dois casos citados a exibição das cabeças cortadas dos cangaceiros foi publicada nas páginas do jornal como um ato simbólico sangrento no qual o seu significado seria a vitória para os que desejavam o fim do cangaço, por isso, que as cabeças sangrentas foram descritas como troféus, apesar de ser um ato bárbaro.

Uma publicação que demonstra a satisfação do Jornal com a morte dos cangaceiros foi a edição do dia 27 de junho de 1936 com a seguinte notícia: “Exterminando o banditismo: Zé Bahiano, Canario e outros mortos em combate.” Para chamar mais atenção dos leitores, o Jornal usou a foto de Zé Bahiano ao lado da notícia, para dar mais ênfase sobre a sua morte, acompanhado do comentário “Zé Bahiano, o temível facínora derrubado em Sergipe”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 27 Jun. 1936) (Ver Anexo C)

Em outra edição, o Jornal publicou a fotografia de um bandido chamado “Penedinho” exibindo a cabeça de “Canario”, seu ex-chefe. “Penedinho” cortou a cabeça de seu ex-chefe, a fim de se entregar para polícia, demonstrando assim a sua fidelidade com os policiais e para provar que estava disposto a abandonar o cangaço (Ver anexo D). A exibição dessa fotografia revela um ato de terror, uma vez que é mostrada uma cabeça de cangaceiro, que por sua vez, foi exaltada como sinal de extermínio do cangaço. Mais uma vez a cabeça cortada foi mostrada como um troféu ou uma vitória daqueles que desejavam o fim do banditismo.

A publicação de cabeças cortadas de cangaceiro nas páginas do Jornal A TARDE deixou claro a intenção de mostrar para os leitores que o cangaço estava sendo exterminado, que a derrota dos bandoleiros estava se concretizando.

No ano 1938, após a morte de Virgolino Ferreira da Silva, muitos cangaceiros se entregaram para as forças policiais, isso porque, não encontraram mais razões para fazer parte de grupo de cangaceiros, aliando-se a isso, não queriam arriscar suas vidas e ter uma morte como a de Lampião, dando sinais de que o banditismo no Nordeste estava enfraquecendo-se aos poucos.

Um acontecimento que retrata essa questão foi a atitude de quinze cangaceiros, que causou impacto às forças da polícia Baiana, pois renderam-se espontaneamente ao destacamento da cidade de Jeremoabo. Esse fato foi retratado pelo Jornal A TARDE como “inédito e sensacional”, uma vez que foi comemorado, principalmente no meio militar. O título dessa notícia nos mostra a importância dada ao acontecimento, descrito da seguinte maneira: “Termina de maneira imprevista o drama do cangaço: 15 famigerados bandidos

entregam-se á policia baiana, em Jeremoabo.” (A TARDE, Salvador, p. 02, 22 Out. 1938)

Devemos destacar que dos quinze bandidos que se entregaram nessa oportunidade, encontrava-se uma mulher de nome Dulce, companheira do bandido “Criança”. O chefe da Polícia Militar, o Major Thales Moutinho da Costa, que atendeu os jornalistas do Jornal A TARDE, a fim de explicar os últimos acontecimentos que envolviam os cangaceiros, disse numa entrevista que a entrega espontânea dos bandidos, teria sido positiva, pois evitaria gastos com despesas no deslocamento de policiais para o sertão Nordestino.

Dando prosseguimento aos fatos, Jornal A TARDE destacou em suas páginas como forma de comemoração que “Passou o flagelo do cangaço: as populações nordestinas respiram, enfim, aliviadas”. Nessa edição o Jornal entrevistou o Drº Carlos Martins de Almeida, médico da Delegacia Federal de Saúde, que havia estado em Geremoabo e narrou os episódios sobre a entrega dos quinze cangaceiros. O Médico disse ao repórter que se dirigiu a Serra Negra, um local que vinha sofrendo muitos assaltos de cangaceiros e cita o modo como a população dessa localidade reagiu à notícia da entrega dos cangaceiros, conforme observa “A população local mostrava-se contente e já retornava às suas atividades normais” e que o assédio aos bandidos era grande, tendo em vista “a ânsia e a satisfação que tem o sertanejo de ver exterminado o cangaço que tanto tem devastado as regiões nordestinas”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 24 Out. 1938)

Outra fotografia estampada pelo Jornal A TARDE, tida como um “furo de reportagem” mostra os quinze cangaceiros que se entregaram na cidade de Geremoabo. A fotografia exhibe os cangaceiros com seus trajes e vestimentas, devidamente armados, sendo acompanhada pelo anúncio “O fim do banditismo no Sertão”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 26 Out. 1938) (Ver anexo E). Nessa edição, o jornal exalta a vitória da polícia contra o banditismo no Nordeste, afirmando que a ação das forças policiais teve êxito, uma vez que conseguiram que os bandidos se rendessem, renegando os crimes passados. Além disso, noticia que a entrega dos bandidos estava apressando o fim do cangaço, que para o jornal seria uma “praga trágica”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 26 Out. 1938)

Nos anos quarenta o cangaceirismo extingue-se, face o processo degenerativo gradual ocorrido nos últimos anos, quais sejam: a morte do líder Lampião e posteriormente de Corisco, além da rendição de muitos cangaceiros, que preferiram sair do cangaço. Esses fatos ilustram seqüências de acontecimentos que foram enfraquecendo o banditismo. “Após 1938 o cangaço iniciou sua vertiginosa desapareição, até que em 1940 morreu Corisco, não mais como cangaceiro, mas como retirante. Desaparecia então para sempre esse antigo fenômeno de banditismo, como também o cangaço específico de Lampião.” (MARQUES; VILLELA,

1999, p. 136)

No início dos anos 40, muitos cangaceiros ainda estavam se entregando para a polícia. O jornal destaca a entrega de Ângelo Roque e mais oito companheiros, estampando o título “Golpe de Morte no Cangaço!”. (A TARDE, Salvador, p. 02, 02 Abr. 1940) (Ver anexo F). Nessa oportunidade entregaram-se os bandidos Ângelo Roque, Jandaia, Saracura, Patativa e Deus te Guie, acompanhados de quatro mulheres jovens e morenas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O período analisado é considerado como sendo o auge do cangaço, que na liderança de Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, acompanhado de seus cangaceiros e cangaceiras realizaram suas façanhas nos diversos lugares do interior do Nordeste. As ações desses bandoleiros ocuparam espaço nos diversos meios de comunicação da época, sendo que o jornal impresso cobriu muitas reportagens, tendo como tema principal as ações dos cangaceiros.

Na Bahia, não foi diferente. Lampião e seu grupo de bandidos foram estampados nas páginas num dos maiores jornais do estado – O Jornal A Tarde -. O intuito do presente estudo foi de tentar identificar a opinião do jornal baiano sobre as ações dos cangaceiros e examinar como esses foram representados nas reportagens. No contato com as fontes percebemos que os termos bandidos, facínoras, criminosos e covardes foram qualificações direcionadas aos cangaceiros e expressamente disseminadas na página do jornal baiano.

Nesse contexto, percebemos que o discurso desse jornal demonstrou ser fruto do seu tempo e das suas convicções políticas e ideológicas, que influenciou a construção de um tipo de olhar sobre os cangaceiros. Um discurso que marcou época, pois deixou seu registro sobre os rumores que os cangaceiros causaram na mídia impressa baiana.

O jornal A Tarde sempre deixou evidenciada suas intenções nas reportagens sobre Lampião e seu grupo, visto que com muito fervor desejou o extermínio dos cangaceiros e o fim do cangaço. Suas reportagens foram parciais aos fatos, pois somente uma versão dos fatos foi noticiada. Isso nos leva a concluir que o jornal A Tarde não demonstrou nenhuma admiração aos cangaceiros, não admitia que os cangaceiros praticassem os crimes, cobrava um posicionamento enérgico contra os cangaceiros e tinha como alvo de acusações o líder dos bandidos, Lampião, que por sua vez, era visto pelo jornal como temido, selvagem, salteador, o

pesadelo dos sertões nordestinos e detentor de espírito diabólico.

Ainda, percebemos que os interesses políticos do jornal, o seu poder enquanto veículo de comunicação e a sua ideologia marcaram presença na construção dos noticiários abordando as ações dos cangaceiros. As publicações sobre esses bandidos demonstraram também uma característica com dimensão política e militar. Críticas eram dirigidas ao efetivo policial pela demora na captura dos cangaceiros, denúncias foram feitas a governantes que supostamente davam proteção a Lampião, assim como defendeu publicamente as forças da Bahia, que para o jornal teria sido “a força militar que mais lutou para exterminar o cangaço”. Além disso, o jornal serviu como espaço de defesa do governo federal que procurou justificar os motivos da ineficiência à captura de Lampião e seus bandidos.

A mulher cangaceira foi também representada pelo jornal baiano, entretanto, a quantidade de noticiários sobre as suas façanhas foi em menor escala, se comparada ao dos cangaceiros. Apesar disso, não deixou o jornal A Tarde de deixar o seu registro sobre as cangaceiras. A mulher cangaceira ocupou espaço nas páginas como sendo megera. Através da publicação que retrata a participação feminina o cangaço, podemos perceber que as cangaceiras não arriscavam deixar seus filhos recém-nascidos vivendo no meio da caatinga e correndo o risco que a vida do banditismo oferecia.

A morte dos cangaceiros era noticiada pelo jornal como sendo um ato vitorioso. Festejou-se a morte dos bandidos, sendo que as cabeças cortadas dos bandoleiros figuraram nas páginas como um verdadeiro troféu, resultado da luta e do empenho daqueles que desejavam o fim do cangaço.

Estampado nas primeiras páginas do jornal A Tarde, Lampião e seus cangaceiros foram noticiados como manchete em várias publicações e dividiram espaço nos editoriais com temas de grande relevância, como por exemplo: assuntos políticos, econômicos e policiais. A Tarde construiu suas reportagens, deixando a sociedade baiana inteirada sobre as façanhas de Lampião e seus cabras, mas também atribuiu destaque ao cangaço e aos desdobramentos das ações dos cangaceiros, que naturalmente, deixaram perplexa a sociedade.

Acreditamos que o resultado dessa pesquisa tenha contribuído e ampliado as discussões sobre o estudo do fenômeno do banditismo e principalmente do cangaço no Nordeste. Temos um quadro ilustrativo da relação que a mídia impressa baiana, especificamente, o jornal A Tarde teve com o cangaço entre os anos de 1926-1940.

Portanto, analisando as reportagens construídas pelo jornal A Tarde, podemos ter a percepção de que os jogos de interesse, o poder da mídia e do discurso proporcionaram ao

jornal A Tarde construir um discurso próprio sobre os cangaceiros, que não foi rebatido com um posicionamento contrário das reportagens. O olhar do jornal era único, por isso, noticiou entrevistas para militares, testemunhas e médicos que tinham as mesmas conclusões sobre os cangaceiros.

A pesquisa abre vários leques de possibilidades para aqueles que pretendem aprofundar a discussão, principalmente abrangendo a temática de mídia e cangaço. Aponto futuras reflexões que possam ser feitas, pois aqui somente foi analisado a visão de um único jornal, podendo ser feita um estudo sobre a visão de outros jornais impressos que circulavam na época, para que possa ser feita uma comparação sobre a visão de um outro jornal a respeito do cangaço, e assim ampliar os debates sobre o cangaço, que apesar de inúmeros livros lançados muito se tem a descobrir.

## FONTES

**Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia - Fonte: Jornal A Tarde 1926-1940**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- AMAURY, Antônio; FERREIRA, Vera. **De Virgolino a Lampião**. São Paulo: Idéia Visual, 1999.
- ARAÚJO, Antônio Amauri Correia. **Lampião: as mulheres e o cangaço**. São Paulo: Traço, 1985.
- ATHAYDE, Martins de. **Maria Bonita: a mulher no cangaço**. [s.n.t.]
- BAPTISTA, Francisco das Chagas. **O interrogatório de Antônio Silvino**. [s.n.t.]
- \_\_\_\_\_. **A História de Antônio Silvino**. [s.n.t.]
- \_\_\_\_\_. **Os decretos de Lampeão**. [s.n.t.]
- BARBOSA, Eduardo. **Lampião Rei do cangaço**. [Sine loco]: Ediouro, [s.d.]
- BATISTA, Octacílio. **Mulher nova bonita e carinhosa**. Recife-Pe. 1982.
- BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. **A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- BARROSO, Gustavo. **Heroes e Bandidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.
- BLOK, Anton. "The peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered". IN: \_\_\_\_\_ **Comparative Studies in Society and History**. Vol. 14. Cambridge: Cambridge University Press, 1972, p.p. 494-503.
- BOURDIEAU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. Tradução Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CASTRO, Thaís Schmidt Salgado Vaz de; REZENDE FILHO, Cyro de Barros. A Revolução Federalista de 1893 e suas conseqüências para o Rio Grande do Sul. In: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 14, 2010, São Paulo. **Anais Eletrônicos**. São Paulo: Universidade de Taubaté, 2010. Disponível em: <  
[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2010/anais/arquivos/0299\\_0106\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0299_0106_01.pdf)> Acesso em: 13 Jul.2011.
- CHANDLER, Billy J. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 232-234.
- CHIAVENATO, Júlio José. **Cangaço. A força do Coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. **Cangaço e Cangaceiros: História e imagens**

fotográficas do tempo de Lampião. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol.4, ano IV, n.4, outubro/novembro/dezembro de 2007. Disponível em: <[http:// WWW.revistafenix.pro.br](http://WWW.revistafenix.pro.br)> acesso em 12 de out. 2009.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo : Companhia das Letras, 1939.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

FALCON, Francisco. História e Poder. IN: FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. 16ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p.p. 61-89.

FARIA, Maria Alice. **O Jornal na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, Maria do Socorro Soares. **A Tarde e a construção dos sentidos: Ideologia e Política (1928-1931)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos, Estudio sobre las Formas Arcaicas de les Movimientos Sociales em los Siglos XIX y XX**. Barcelona: Ediciones Ariel, 1968.

HORCADES, Alvim Martins. **Descrição de uma viagem a Canudos**. Salvador: EGBA: EDUFBA, 1996.

MARQUES, Ana Cláudia Duarte Rocha; VILLELA, Jorge Luiz. O Poder e o Território do Bandido: reflexões sobre Lampião, o Rei do Cangaço. **Ilha: Revista de Antropologia – Universidade Federal de Santa Catarina**-. Florianópolis, v.1, n. 1, Out.199, p. 119-138. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewArticle/14513>> Acesso em: 22 Ago. 2011.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol, violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

NEGREIROS, Davys Sleman de. Mídia e Política: a metamorfose do Poder. Disponível em <[http:// www.bocc.ubi.pt/.../negreiros-davys-midia-e-politica-metamorfose-do-poder. Pdf](http://www.bocc.ubi.pt/.../negreiros-davys-midia-e-politica-metamorfose-do-poder.Pdf)>. Acesso em: 08 Abr.2011.

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros. História real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste**. Rio de Janeiro: [sine nomine], 1920

PAILLET, Marc. **Jornalismo, o quarto poder**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: Ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: boitempo, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 38.ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.



ROITMAN, Valter. **Cangaceiros : crime e aventura no sertão**: FTD, 1997.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Memória do Cangaço no Sertão do São Francisco. **Revista de História**. Sergipe, v. 17, n. 01, p.133-142, 2009.

SEGA, Rafael. O triste espetáculo da degola. **Revista Aventuras na História**. [S.l.], Set. 2004. Disponível em: < <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/triste-espetaculo-degola-433797.shtml>> Acesso em: 14 Jul.2011.

SILVA, André Chaves de Melo. Ensino de História, Cinema, Imprensa e Poder na Era Vargas (1930-1945). In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo, ANPUH/USP, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.anpuh.org.br/.../Andre%20Chaves%20de%20Melo%20e%20Silva.Pdf>>. Acesso em: 08. Abr. 2011.

SOUZA, Ilda Ribeiro de (Sila). **Angico, eu sobrevivi: Confissões de uma guerreira do cangaço**. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997, p.11-12).

WIESEBRON, Marianne L. Historiografia do Cangaço e Estado Atual da Pesquisa sobre Banditismo em nível Nacional e Internacional. **Ci & Tróp**, Recife, v. 24, n. 2, p.p. 417-444, jul./dez.1996.

\_\_\_\_\_. Cangaço e Política: A época de Antônio Silvino na Imprensa. **Anos 90**, Porto Alegre, n.6, p.p. 81-99, Dez.1996.

# ANEXO A – Reportagem do jornal A Tarde, demonstrando o prêmio concedido pelo Estado da Bahia para capturar Lampião.

A TARDE — SEXTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1930

## O Concurso de Beleza

Logo a partir de amanhã, a noite de gala que nos apresenta nos seus encantos o concurso de beleza, realizado no salão de baile do Hotel de Ville, sob a direção do Sr. João de Deus, será uma das mais interessantes e divertidas que já tivemos aqui. A noite será aberta às oito horas, com o baile de abertura, e a apresentação das candidatas começará às nove horas. O concurso é aberto a todas as senhoras de 16 a 25 anos, de qualquer cor e estado civil. O prêmio em dinheiro será de 50 contos para a vencedora e de 10 contos para as primeiras e segundas colocadas. O concurso será julgado por um júri composto de sete membros, nomeados pelo Sr. João de Deus. A inscrição é gratuita e pode ser feita até amanhã, às oito horas, no salão de baile do Hotel de Ville. O concurso será realizado no salão de baile do Hotel de Ville, sob a direção do Sr. João de Deus, e a apresentação das candidatas começará às nove horas. O prêmio em dinheiro será de 50 contos para a vencedora e de 10 contos para as primeiras e segundas colocadas. O concurso será julgado por um júri composto de sete membros, nomeados pelo Sr. João de Deus. A inscrição é gratuita e pode ser feita até amanhã, às oito horas, no salão de baile do Hotel de Ville.

## THEATROS

### O Theatro Portuguez e os olhos satanicos de Luiza Satandala

Os olhos satanicos de Luiza Satandala, a obra de Luiz de Alencar Gomes, está sendo representada no Theatro Portuguez. A peça é considerada uma das mais importantes da literatura brasileira e é dirigida pelo Sr. João de Deus. A apresentação é muito interessante e atrai um grande publico. O Theatro Portuguez está situado na Rua de São Paulo, nº 123. O horário de apresentação é às oito horas e meia. O ingresso custa 500 réis. O Theatro Portuguez é considerado um dos melhores do Brasil e apresenta sempre obras de grande qualidade. A direção é do Sr. João de Deus, que é um dos mais importantes artistas brasileiros. O Theatro Portuguez é muito apreciado pelo publico e é considerado um dos melhores do Brasil. A direção é do Sr. João de Deus, que é um dos mais importantes artistas brasileiros. O Theatro Portuguez é muito apreciado pelo publico e é considerado um dos melhores do Brasil.

## UMA ROMARIA AO TUMULO DO PROF. CARNEIRO RIBEIRO

Comemorando hoje a data da morte do professor João Carneiro Ribeiro, o Conselho de Instrução Municipal realizou uma romaria ao túmulo do professor. A romaria foi realizada no Cemitério de São João e contou com a presença de muitos professores e alunos. O túmulo do professor está situado na Rua de São João, nº 123. A romaria foi muito interessante e atraiu um grande publico. O Conselho de Instrução Municipal é muito apreciado pelo publico e é considerado um dos melhores do Brasil.

## SOCIAES

Uma noite de gala que nos apresenta nos seus encantos o concurso de beleza, realizado no salão de baile do Hotel de Ville, sob a direção do Sr. João de Deus, será uma das mais interessantes e divertidas que já tivemos aqui. A noite será aberta às oito horas, com o baile de abertura, e a apresentação das candidatas começará às nove horas. O concurso é aberto a todas as senhoras de 16 a 25 anos, de qualquer cor e estado civil. O prêmio em dinheiro será de 50 contos para a vencedora e de 10 contos para as primeiras e segundas colocadas. O concurso será julgado por um júri composto de sete membros, nomeados pelo Sr. João de Deus. A inscrição é gratuita e pode ser feita até amanhã, às oito horas, no salão de baile do Hotel de Ville.

## OS MARABOTINS DA SUA DR. SARRA ESTÃO SEM AGUA

Os marabotins da sua dr. Sarra estão sem água, devido a uma seca prolongada. A situação é muito grave e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para a população. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para a população. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente.

## Instuções Publicas

As instituições públicas estão sendo afetadas pela seca prolongada. A situação é muito grave e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as instituições públicas. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as instituições públicas. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente.

## Um premio de 50 contos a quem capturar Lampião

O maior dultira remove-se para uaua com o seu estado maior. A tática de emboscadas. Um prêmio de 50 contos será oferecido a quem capturar Lampião. O maior dultira remove-se para uaua com o seu estado maior. A tática de emboscadas. Um prêmio de 50 contos será oferecido a quem capturar Lampião.

## AS NOVAS AUTORIDADES

As novas autoridades estão sendo nomeadas para os cargos de responsabilidade. A situação é muito grave e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as novas autoridades. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as novas autoridades. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente.

## Miss Universo Clorificada pela multidão, na capital da Republica

A Miss Universo foi clorificada pela multidão na capital da Republica. A situação é muito grave e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para a Miss Universo. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para a Miss Universo. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente.

## PRÊMIO DE 50.000\$000

Prêmio de 50.000\$000 oferecido pelo Estado da Bahia para a captura de Lampião. O prêmio será entregue a quem capturar Lampião. O prêmio de 50.000\$000 oferecido pelo Estado da Bahia para a captura de Lampião. O prêmio será entregue a quem capturar Lampião.

## MANIFESTAÇÕES

Manifestações populares em homenagem ao professor João Carneiro Ribeiro. A situação é muito grave e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as manifestações. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente. O governo deve tomar medidas para garantir o abastecimento de água para as manifestações. A seca está afetando a vida de muitas pessoas e precisa ser resolvida rapidamente.



ANEXO C - Reportagem que noticiou a morte de Zé Baiano.

Exterminando o banditismo «Zé Baiano», «Canário» e outros mortos em combate

A PONTARIA FIRME DOS SERGIANOS

Atacaram 20 (20) bandeirantes... A Pontaria firme dos sergianos... A morte de Zé Baiano...

QUEM É O FENÔMENO ZÉ BAIANO?

Definido ao Sr. Xavier de Costa... Quem é o fenômeno Zé Baiano?...

ALUNOS DO 4.º ANO DA ESCOLA DE AGRICULTURA VISITAM O CAMPO DE BORDADA

Em excursão de estudo, acompanhados de professores... Alunos do 4.º ano da escola de agricultura...

EM FIM! OS RESPIRADOS DESAPARECERAM AGORA RAPIDAMENTE

Os respirados desapareceram agora rapidamente... Em fim! Os respirados desapareceram...

EM TORNO DAS ELEIÇÕES DA CAPITAL

COMO TINHA SIDO DIPLOMADO, NÃO PODIA RECORRER!

O que nos dá o candidato autonomista... Como tinha sido diplomado, não podia recorrer!

A POSSE DO VIZIÁRIO DE TUBARÃO

Realizada a posse do vizariário de Tubarão... A posse do vizariário de Tubarão...

PERDERAM SE IMPORTANTES DOCUMENTOS «NOSSITICOS»

Perderam-se importantes documentos «noossíticos»... Perderam-se importantes documentos...

PRADO ELETORAL, A SINGELA

Moço, eleito, Prado, eleito... Prado eleitoral, a singela...

SE JARDENHO WALDOWSKI, SA-TISFETO COM A SOLUÇÃO DE SEU CASO

Atendendo Waldowski, sa-tisfeto com a solução de seu caso... Se Jardimowski, sa-tisfeto com a solução de seu caso...

CAHOEIRA YBRA DE ENTUSIASMO CIVICO, ANTE-VENDO O SURTO DO SEU PROGRESSO

«CAHOEIRA YBRA DE ENTUSIASMO CIVICO, ANTE-VENDO O SURTO DO SEU PROGRESSO»... Cahoeria Ybra de entusiasmo cívico...

ALUNOS DO 4.º ANO DA ESCOLA DE AGRICULTURA VISITAM O CAMPO DE BORDADA

Em excursão de estudo, acompanhados de professores... Alunos do 4.º ano da escola de agricultura...

EM FIM! OS RESPIRADOS DESAPARECERAM AGORA RAPIDAMENTE

Os respirados desapareceram agora rapidamente... Em fim! Os respirados desapareceram...

EM TORNO DAS ELEIÇÕES DA CAPITAL

COMO TINHA SIDO DIPLOMADO, NÃO PODIA RECORRER!

O que nos dá o candidato autonomista... Como tinha sido diplomado, não podia recorrer!

A POSSE DO VIZIÁRIO DE TUBARÃO

Realizada a posse do vizariário de Tubarão... A posse do vizariário de Tubarão...

PERDERAM SE IMPORTANTES DOCUMENTOS «NOSSITICOS»

Perderam-se importantes documentos «noossíticos»... Perderam-se importantes documentos...

PRADO ELETORAL, A SINGELA

Moço, eleito, Prado, eleito... Prado eleitoral, a singela...

SE JARDENHO WALDOWSKI, SA-TISFETO COM A SOLUÇÃO DE SEU CASO

Atendendo Waldowski, sa-tisfeto com a solução de seu caso... Se Jardimowski, sa-tisfeto com a solução de seu caso...

Com as alças e bigotas de bombordo partidas

SOB-AS RAJADAS DO TEMPORAL VIOLENTO, O «PARAGUASSU» FICOU DESARVORADO, COM OS MASTROS E TRAQUETES A MERCÊ DOS VENTOS

O mestre Felton narra a «A Terra» a desventura de seu barco



PARAGUASSU EM TEMPO DE TEMPESTADE. O mestre Felton narra a «A Terra» a desventura de seu barco

COQUELON 1936... A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

A FARMACIA DO 2.º DE JULHO... Prescrições completadas... O Coquelon é o melhor remédio para a tosse...

Noticias do Sul do Estado

DE BELMONTÉ... Em breve, expor-se o primeiro... Notícias do Sul do Estado...

DE ILHOS... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

DE CALZADONIA... O Instituto do Tecto de Irma... Notícias do Sul do Estado...

QUALQUER MEDIO PODEMOS VERIFICAR A CONSOLIDACAO DE LESOES DOS DENTADOS

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...

O Instituto do Tecto de Irma... Qualquer meio podemos verificar a consolidação de lesões dos dentados...



ANEXO E - Publicação que noticiou a entrega de cangaceiros.

SUGGERIU A CREAÇÃO DE PARQUES NACIONAIS E ESTADUAIS

OS TRABALHOS DO CONGRESSO DE BOTANICA TIVERAM PLENO EXITO

Um inedito prezioso sobre plantas medicinas da Bahia



Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Um inedito prezioso sobre plantas medicinas da Bahia. O Congresso de Botânica teve um êxito completo...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

TRIBUNAL MARITIMO ADMINISTRATIVO

Julgado o abrandamento de "Alafay" com o cás deste posto

Na sessão realizada em 12 do corrente, na capital da República, o Tribunal Administrativo de Marinha julgou o abrandamento de "Alafay", com o cás deste posto...

MAIS LAVADORES NORTIS. PARA S. PAULO

O "Inglês" vai carregado de lã

Por "Inglês", nome bastante popular, se conhece a lã produzida nos Estados Unidos...

O Congresso paulista também se reuniu, para discutir a situação da lã...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...



OS LIMITES DA GUYANA HOLANDEZA COM O BRASIL

Vella a Maracão e chefe da comissão reclearde

Voluntária da Comissão de Limites da Guayana Holandesa com o Brasil, o Sr. ... chegou a Maracão...

O MOTIVO DA FALTA DE AGUA

De Sereno de Aguiar e Kollat, um novo projeto de lei para a distribuição de água...

O projeto de lei prevê a criação de uma comissão para estudar a situação da água...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

GOVERNO DO ESTADO

ABERTURA DE EMPREENDIMENTOS SOCIAIS

O Secretário de Interior, Sr. ... anunciou a abertura de empreendimentos sociais...

EXPOSTO AO PUBLICO O QUADRO QUE VAZ SER OFFERECIDO AO SR. GUSTAVO VARGAS

O Sr. Gustavo Vargas, candidato a deputado estadual, teve seu quadro de propostas exposto...

FÓSSOS INSUPOORTAVES

Os fósseos encontrados em algumas regiões do Estado são considerados insuportáveis...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

PRESIDENTE WASHINGTON LUZ

Visita ao Brasil e a Bahia

O Sr. Washington Luiz, Presidente da República, visitou o Brasil e a Bahia...

ESTA É A ÚLTIMA VISITA DO MINISTRO SOUZA COSTA

O Sr. Souza Costa, Ministro da Educação, fará sua última visita ao Brasil...

A LETURA DO PONTO DE VISTA DA COMPREHENSÃO

O Sr. ... apresentou o ponto de vista da compreensão...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

EM FEIRA DE SANT'ANNA OU EM CRUZ DAS ALMAS? A comissão nomeada pelo governo apontou essas duas cidades para sede da futura Escola Agronômica

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Visita da planista Jeaneide Moraes - Sociedades agrícolas - Uma comissão para as homenagens ao sr. Landolph Alves - Outras notas

Realizou-se, na noite de 12 do corrente, na Associação Bahiana de Imprensa...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

O 1.º CONGRESSO CATECHISTICO BAHIANO

Será amanhã a abertura do certamen catechístico - Uma preciosa chancelaria encerrará as solenidades

Terá lugar, amanhã, o 1.º Congresso Catechístico Bahiano...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

ARTES E ARTISTAS

OPERAÇÃO BAHIANA - Concurso de artes e artistas

O Sr. ... anunciou a realização de uma operação artística...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

Dr. ... sobre a importância da preservação das plantas medicinais...

ANEXO F- A entrega de cangaceiros no início dos anos 40 nas páginas do jornal A Tarde.

GOLPE DE MORTE NO CANGAÇO!

ANGELO ROQUE E MAIS 8 COMPANHEIROS ENTREGAM-SE A POLICIA
QUASI TODOS OS BANDADEIROS QUE CHEGARAM ONTEM DE PARAPIRANGA TEM APPELLIDOS DE PASSAROS



OS BANDADEIROS DO CANGAÇO. A esquerda, o chefe do bando, Angelo Roque, e os demais companheiros que se entregaram à polícia.

UMA ABREVIACAO NA CAMPANHA
O governador de Pernambuco, Agostinho Neto, chegou a Recife ontem de manhã cedo.

PRIMEIRO CASAMENTO
O casamento de Maria Elvira e do Sr. João de Deus foi celebrado ontem em uma cerimônia simples.

ENTREGAR-SE CONFIANTES
Dois cangaceiros se entregaram voluntariamente à polícia em uma operação de segurança.

ALAGOINHAS TEATRO DE UM ESPANCOAMENTO
Um espetáculo teatral foi apresentado em Alagoas, abordando temas sociais.

TENHO-SE NOVAS AGRESSOES
Relatos de novos ataques de cangaceiros em áreas rurais foram recebidos.

ALAGOINHAS: O Sr. ...
Notícia sobre um evento ou reunião ocorrido em Alagoas.

OS AUTOMOVEIS DO BRASIL
Discussão sobre o desenvolvimento da indústria automobilística nacional.

SEQUE HOJE PARA O RIO O DIRETOR DA CASA DA MOEDA
O diretor da Casa da Moeda será enviado para o Rio de Janeiro para uma reunião.

UMA VISTA DE ALGUMA DAS CRIADORAS DO CONGRESSO DE CRIADORES
Imagem e descrição de uma das criadoras do Congresso de Criadores.

PROJETO DE LEI Nº ...
Apresentação de um projeto de lei relacionado a questões econômicas.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a aplicação de certos princípios ou métodos.

OS APPLICATIVOS ...
Continuação da notícia sobre aplicativos e seu uso.

OS APPLICATIVOS ...
Mais detalhes sobre os aplicativos mencionados.

OS APPLICATIVOS ...
Última parte da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Conclusão da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

GRANDE NUMERO DE PRISÕES EFETUADAS EM SÃO PAULO

SEGUNDO O COMUNICADO OFICIAL, ESTAVAM ENVOLVIDOS ELEMENTOS DO PARTIDO CONSTITUCIONALISTA

O ministro da guerra prometeu atender ao apelo do jornal
E. PAULO, 1 — (Agência Radiocêntrica) — O ministro da guerra prometeu atender ao apelo do jornal 'A Tarde' de São Paulo, publicado ontem, de que fossem libertados os presos políticos do Partido Constitucionalista.

OS EMPLEADOS DO RIO
Os empregados do Rio de Janeiro estão em greve, reivindicando melhores condições de trabalho.

NOVO EMPLEADO DO BRASIL
Notícia sobre a contratação de um novo funcionário público.

ENCERRA-SE HOJE O CONGRESSO DE CRIADORES
O Congresso de Criadores encerra suas atividades hoje em uma sessão solene.

OSR, INTERVENIOR EM VISITA A RIO NOVO
O OSR, interventor federal, visita o Rio Novo para inspecionar as obras de infraestrutura.

UMA VISTA DE ALGUMA DAS CRIADORAS DO CONGRESSO DE CRIADORES
Imagem e descrição de uma das criadoras do Congresso de Criadores.

PROJETO DE LEI Nº ...
Apresentação de um projeto de lei relacionado a questões econômicas.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a aplicação de certos princípios ou métodos.

OS APPLICATIVOS ...
Continuação da notícia sobre aplicativos e seu uso.

OS APPLICATIVOS ...
Mais detalhes sobre os aplicativos mencionados.

OS APPLICATIVOS ...
Última parte da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Conclusão da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Conclusão da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

GRANDE NUMERO DE PRISÕES EFETUADAS EM SÃO PAULO

SEGUNDO O COMUNICADO OFICIAL, ESTAVAM ENVOLVIDOS ELEMENTOS DO PARTIDO CONSTITUCIONALISTA

O ministro da guerra prometeu atender ao apelo do jornal
E. PAULO, 1 — (Agência Radiocêntrica) — O ministro da guerra prometeu atender ao apelo do jornal 'A Tarde' de São Paulo, publicado ontem, de que fossem libertados os presos políticos do Partido Constitucionalista.

OS EMPLEADOS DO RIO
Os empregados do Rio de Janeiro estão em greve, reivindicando melhores condições de trabalho.

NOVO EMPLEADO DO BRASIL
Notícia sobre a contratação de um novo funcionário público.

ENCERRA-SE HOJE O CONGRESSO DE CRIADORES
O Congresso de Criadores encerra suas atividades hoje em uma sessão solene.

OSR, INTERVENIOR EM VISITA A RIO NOVO
O OSR, interventor federal, visita o Rio Novo para inspecionar as obras de infraestrutura.

UMA VISTA DE ALGUMA DAS CRIADORAS DO CONGRESSO DE CRIADORES
Imagem e descrição de uma das criadoras do Congresso de Criadores.

PROJETO DE LEI Nº ...
Apresentação de um projeto de lei relacionado a questões econômicas.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a aplicação de certos princípios ou métodos.

OS APPLICATIVOS ...
Continuação da notícia sobre aplicativos e seu uso.

OS APPLICATIVOS ...
Mais detalhes sobre os aplicativos mencionados.

OS APPLICATIVOS ...
Última parte da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Conclusão da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Conclusão da notícia sobre aplicativos.

OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

OS APPLICATIVOS ...
Notícia sobre a situação atual dos aplicativos.

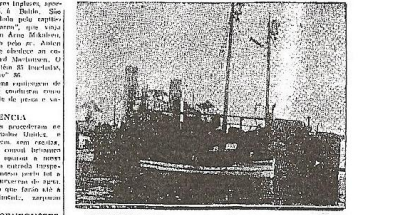
OS APPLICATIVOS ...
Última linha de texto da notícia.

AMERICAN PARTY OF THE U.S.A.
1946 Membership No. 60640
UM DELÉS ASSINAVA "FRANKLIN D. ROOSEVELT" NO LIVRO DO PARTIDO

UMA MISSAO HEROICA E DISCRETA DOS BARCOS DE PESCA
No porto, com destino ao Rio, aguardam mantimentos e combustivel
Dinheiro papel rasbacado não é recebido
A MIBIDIA, TOMADA SEM AVISO AO PUBLICO, ESTA CAUSANDO SERIOS PREJUIZOS



UMA VISTA DE ALGUMA DAS CRIADORAS DO CONGRESSO DE CRIADORES



PESSOUEIROS VISITADOS ANCORADOS NO PORTO DA BARRA